

O Imaginário Religioso do Estudante da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Hilário Dick

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	3
<i>1. Universo pesquisado</i>	6
<i>2. O imaginário com relação a Deus</i>	11
<i>3. O imaginário com relação á prática religiosa</i>	15
<i>4. O imaginário expresso nalgumas crenças</i>	20
<i>5. O imaginário e a religião</i>	23
<i>6. O sacramento da confissão no imaginário dos universitários católicos</i>	27
<i>7. O imaginário do estudante relacionando-se com a confessionalidade da instituição</i>	28
<i>8. O imaginário existencial do estudante da UNISINOS</i>	32
Anexo:	
<i>O grupo temático juventude do Instituto Humanitas Unisinos e a rede latino-americana de pesquisadores em juventude</i>	41

.....
Pesquisa realizada de 2001 a 2003. Vai expresso aqui o reconhecimento a todos que colaboraram nesta pesquisa: aplicadores e aplicadoras da pesquisa, direção do Centro de Ciências Humanas, área III: Teologia Pública do Instituto Humanitas Unisinos, o setor de Registros da Universidade, o prof. Laurício Neumann, os bolsistas Geraldo Pires e Cátia Andressa da Silva, o Prof. Geraldo Schweinberger e todos/as que deram incentivo ao trabalho.
.....

Introdução

O objetivo desta pesquisa se resume em levantar e ler dados do imaginário religioso do jovem, estudante da UNISINOS, encarando-o como jovem¹ e como universitário, sob o ponto de vista de sua concepção religiosa, procurando encontrá-lo naquilo que abraça, rejeita, crê, também naquilo do qual duvida, teme ou do qual tem certeza.

O intuito de navegar pelo mundo deste imaginário religioso é uma aventura. Defronta-se com vários perigos. Entre outros, um empecilho sério é a falta de estudos sistemáticos sobre o assunto. O conhecimento que temos da situação dos jovens é precário. Mais ainda: nessa precariedade, as temáticas menos abordadas são os valores e a religião. Um estudioso mexicano², considerando 86 *trabalhos*³ que exploram a religião e os valores na juventude mexicana, chega a essa mesma conclusão. No fim do estudo, o autor fala ainda da ausência de uma tradição de pesquisa neste campo, da notória desarticulação entre o campo teórico e prático, da falta de elaborações teóricas que vinculem os conceitos e os dados e da ausência total de explicações multidisciplinares e paradigmáticas no terreno dos valores e da religião.

A religião, relegada pela modernidade, está emergindo de forma inesperada, tomando novo impulso, também no espaço juvenil. Isso se manifesta tanto nos que acreditam como nos que negam

a religião (LUENGO, 2000: 144). Falta, contudo, penetrar no mundo dos valores e das crenças religiosas; falta avançar mais no estudo do sagrado como um elemento da estrutura das consciências (LUENGO, 2000: 147-148). Isso interessa não somente à juventude, mas à sociedade em geral. Como diz Arturo Sáenz (LUENGO, 2000: 154),

no hay problema de la juventud, ni la juventud es un problema; sino que dentro de la extensa e intrincada red social, todo lo que en ella sucede repercute más en esse sector de población y produce determinados efectos, sin que necesariamente se deban definir como problemas privativos de los jóvenes. La juventud pone de manifiesto las contradicciones de la realidad de la sociedad en la que está inmersa.

Conceito

Imaginário, como adjetivo, segundo Caldas Aulete⁴, é o que só existe na imaginação, que não é figurado, que não é real, mas que ajuda na construção do real. No sentido figurado, a palavra *imaginário*, tem sentido vago e indefinido. Caldas Aulete, para exemplificar, cita o escritor Castilho, que fala de “regiões imaginárias em que vivem os poetas [...]” Vago e indefinido não significa, no entanto, que não tenha repercussão no correr do cotidiano.

O *imaginário*, como substantivo, significa estatuário, santeiro, o ferreiro malhando à bigorna. Au-

1 O conceito de *jovem* é complexo. Seguimos como referência a conceituação da ONU para a qual a idade do “jovem” vai dos 14 aos 25 anos. Em nossa pesquisa, procuramos privilegiar o jovem na aplicação do questionário e o resultado foi positivo. Os entrevistados até 24 anos somam 70,7% e, acrescentando os entrevistados até 29 anos, chegamos a uma percentagem de 90,8%. O resultado, portanto, refere-se ao mundo juvenil na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

2 LUENGO, Enrique Gonzáles. Valores y Religión en los Jóvenes. In: ISLAS, José Antonio Perez (coord.) *Jóvenes: una evaluación del conocimiento. La investigación sobre la juventud en México* (1986-1999), Tomo I. Publicação do Instituto Mexicano de la Juventud, na Coleção Jovenes, n° 5, 2000.

3 Refere-se a teses, ensaios, pesquisas utilizando questionários, entrevistas e amostras.

4 “*Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*”. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1958.

lete cita o escritor Coelho Neto falando do “imaginário esculpindo cópias do santo [...]” O termo *imaginário* tem diferentes usos na literatura, na sociologia, na filosofia e na psicologia. Não usamos, aqui, o conceito de *imaginário* nem na acepção marxista (de Marx) de *ideologia* em “*Ideologia Alemã*”, apresentando a ideologia como imaginário social e reflexo alucinatório do real (ROUANET, 1978, p.9) nem na acepção psicanalítica de *imagem de*.

Imaginário, em nossa conceituação, designa “o conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, idéias, mediante os quais os indivíduos, em sociedade, vêem a realidade e a si próprios”⁵.

Somos o que fazemos e não fazemos; somos o que traímos em nossas representações e não só em nossas práticas. Mesmo que sejam *crenças*, elas são reais. Não queremos ater-nos, contudo, estritamente, a essas descrições nem às discussões filosóficas que há em torno do conceito *imaginário*. Teríamos que estudar Platão, Aristóteles, Descartes, Hume, Locke, Kant, Husserl, Sartre, Althusser, Gramsci e muitos outros. Insistimos na palavra *imaginário* como um termo mais simples. Desejamos saber por onde “*navega*” a juventude que entrevistamos, desejando descobrir as imagens e as formulações que ela carrega e afirma, especificamente no campo religioso. Desejamos descobrir, em suas respostas, o que pensa, o que sonha, as preocupações e motivações que a norteiam, o que espera do mundo [...] Nesse sentido, o imaginário, também o imaginário religioso, está em relação dinâmica e permanente tanto com o real como com o utópico (PESAVENTO, 1992, p.8 ss). As respostas ao questionário nos levam, ao mesmo tempo, para aquilo que os jovens são e fazem como para aquilo que sonham com a sociedade e o que desejam viver. Muitas vezes esses *sonhos* são a nossa realidade.

Hipótese

A forma pela qual nos decidimos, para realizar este trabalho, foi a aplicação de um mesmo ques-

tionário a estudantes da Universidade do Vale do Rio dos Sinos em quatro momentos distintos, isto é, em quatro semestres seguidos. A hipótese subjacente a essa forma foi a de que, nessa aplicação, no espaço de dois anos, poderiam aparecer sintomas da evolução na questão do imaginário religioso. Foi o que fizemos com todo o cuidado, procurando abranger estudantes freqüentando a maior variedade de cursos, em todos os horários e em todos os dias da semana. É esse resultado que desejamos apresentar. Como já afirmamos, os estudos sistemáticos sobre esse assunto específico, especialmente sobre o imaginário religioso de universitários, são poucos. Por isso mesmo, estamos diante de um campo que sonha ter dados científicos sobre um pressuposto óbvio do que enxergamos todos os dias. Como a busca do religioso é uma característica da pós-modernidade, faz-se necessário verificar como essa busca se traduz no mundo juvenil universitário.

Um outro objetivo deste estudo relaciona-se com a preocupação educacional, religiosa, dos jovens em geral, não só universitários. Uma das conclusões de Luengo (LUENGO, 2000: 154) fala da precária participação das instituições escolares na formação de valores, um assunto que – no mínimo – é preocupante. São precisos, cada vez mais, dados sérios sobre a realidade juvenil para sermos bons educadores. É necessário, no campo da formação e da educação integral dos jovens e dos universitários, encontrar respostas e propostas sempre mais acertadas a partir do mundo em que se trabalha.

Situamo-nos no campo da fenomenologia juvenil, tomando em conta aspectos da realidade atual, sofrendo novos condicionamentos. Qual o educador que não se perguntou pelo que “*passa na cabeça*” desses milhares de jovens e estudantes que se chocam conosco nos corredores da academia, nos shoppings e nas concentrações de jovens? A questão que gostaríamos de esclarecer e para a qual pensamos oferecer dados relaciona-se com o mundo em que *navegam* esses jovens. Que

5 Veja-se uma explicação mais detalhada em João Pedro Schmidt, na obra “*O que pensam os jovens hoje – imaginário social dos estudantes dos Vales do Rio Pardo e Taquari*”. Santa Cruz do Sul, s/n, p. 24 ss.,1996.

o assunto seja importante e desafiante é comprovado pela existência, na Europa, do *Grupo Europeo de Valores*⁶, um grupo surgido a partir das aplicações das *Encuestas de la Juventud*, encaminhadas pela Espanha, nos anos de 1984, 1989, 1994 e 1999. Atualmente essa aplicação e leitura se estendem a 32 países.

Para localizar os universitários e, sabendo que o imaginário religioso sofre condicionamentos no campo socioeconômico e cultural, procurou-se saber, primeiramente, quem era o informante (sexo, idade, estado de vida, residência, origem, curso que faz); detectaram-se, depois, elementos da religiosidade deste universitário como a crença em Deus, a prática religiosa (praticada e recebida), a adesão religiosa, a crença em outros mundos, a postura ante a vida para além da morte e o posicionamento pessoal ante a figura de Jesus Cristo; em terceiro lugar, verificou-se se existe, por parte do universitário da UNISINOS, interesse ou busca de algum atendimento religioso institucional, já que a insegurança ou a dúvida são tidas como características típicas do jovem, tanto pelo contexto competitivo em que vive como pela fase de decisões existenciais que enfrenta; em quarto lugar, procurou-se descobrir as grandes preocupações “existenciais” desses universitários e, ao mesmo tempo, esclarecer – por parte dos que confessam a religião católica – como se coloca a questão da vivência do sacramento da confissão.

Localizamo-nos, portanto, no campo da fenomenologia juvenil, uma realidade sempre mais emergente, exigindo conhecimento, e da fenomenologia do estudante de uma Universidade confessional. Essa delimitação, ao mesmo tempo que restringe, é uma riqueza, considerando que estamos diante de um mundo seletivo e diversificado.

Não se trata de tipificar

Embora seja interessante, não nos interessa tipificar os jovens. Nesse sentido, encontram-se

análises diversificadas sobre os tipos de jovens com relação à religiosidade. Uma das mais completas é de João Batista Libânio, numa obra de mérito para a época que a Igreja e a sociedade de então viviam. Referimo-nos ao “O Mundo dos Jovens” (São Paulo: Loyola, 2. ed., 1983). Posteriormente (1999), o mesmo autor voltou ao assunto descrevendo, numa visão tipicamente cultural, vários tipos de jovens posicionando-se ante o fenômeno religioso. O autor distingue o jovem religioso tradicional, o jovem popular situando-se ante a modernidade, o jovem da cultura moderna, o jovem que resiste à modernidade (tendo como consequência destacada a violência), o jovem rebelde existencial, o jovem religioso carismático, new age e paroquial, o jovem frívolo, o jovem entediado, céptico, insatisfeito e fragmentado e o jovem socialmente inquieto.

Há outras tipificações de jovens, como a de Joaquín García Roca (“Convocatoria de Dios en el mundo de los jóvenes” (Revista de Pastoral Juvenil. Madrid, nº 339, p.17-33), aproveitando as conclusões de Javier Elzo sobre a construção social da identidade do jovem, especialmente espanhol. Distingue vários grupos, bastante bem definidos em sua identidade: o grupo integrado, o grupo pós-moderno, o grupo reacionário, o grupo conservador liberal e o grupo radical.

Nossos objetivos são outros: recolher e analisar dados relacionados com o imaginário religioso dos jovens. Como já dissemos, desejamos saber por onde *navega* a juventude que entrevistamos, desejando descobrir as imagens e as formulações que ele carrega e afirma, especificamente no campo religioso. Desejamos descobrir, em suas respostas, o que pensa, o que sonha, as preocupações e motivações que o norteiam, o que espera do mundo [...] A partir dos dados, atrever-nos-emos a apontar desafios e, talvez, propostas, especialmente para quem trabalha com jovens.

6 Para ter mais pormenores, veja-se *España 2000, entre el localismo y la globalidad. La Encuesta Europea de Valores en su tercera aplicación, 1981-1999*. Universidad de Deusto: Fundación Santa María, 2000.

1. Universo pesquisado

- A UNISINOS localiza-se na diocese de Novo Hamburgo (RS) que tem 1.132.272 habitantes. Nessa diocese, existiam, em 2002, 98.351 adolescentes de 12 a 17 anos e 117.756 jovens de 18 a 25 anos. Destes jovens, 9.662 (8,2%) estudavam na UNISINOS.
- Aplicaram-se, em quatro semestres seguidos (de 2001/2 a 2003/2), 2573 questionários, atingindo todos os Centros da Universidade. Destes entrevistados, 90,8% tinha até 29 anos.
- 66,5% dos entrevistados moram com os pais, mas verifica-se uma tendência de não morar com os pais nem com parentes nem em repúblicas ou pensões estudantis.
- 81,4% dos entrevistados nasceram em cidades com mais de 20.000 habitantes; 17,6% têm suas origens no “interior”.
- Em 2003/1, havia na UNISINOS estudantes provindos de 296 municípios do Brasil; em 2001/2, havia estudantes oriundos de 270 municípios.
- A percentagem masculina dos estudantes entrevistados em 2003/1 era de 40,3%; a percentagem feminina era de 59,6%. A média geral dos estudan-

tes, segundo o sexo, era (em 2003/1) de 41,3% para os homens e 58,6% para as mulheres.

A hipótese que nos guiou foi que a aplicação em tempos diferentes do mesmo questionário, na mesma instituição, procurando atingir uma representatividade significativa, nos daria dados para podermos perceber a variedade das ondas em que os pesquisados *navegam* e perceber, inclusive, algumas tendências⁷ na perspectiva do imaginário religioso.

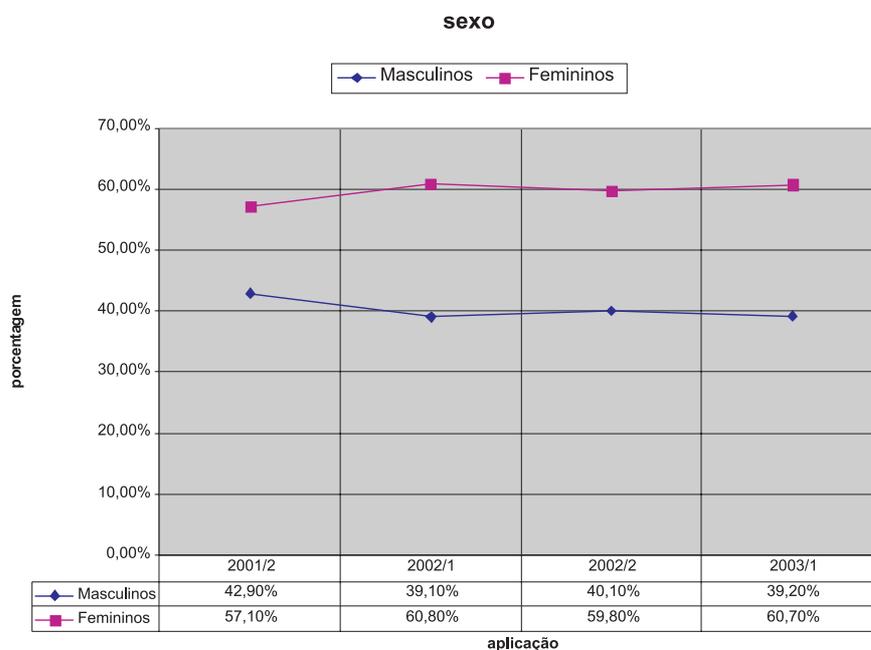
1.1. Dados gerais

A primeira aplicação da pesquisa sobre o imaginário religioso dos jovens, estudantes da UNISINOS, realizou-se no 2º semestre de 2001, e a quarta no 1º semestre de 2003. Foram atingidos todos os Centros, em todos os turnos, num total de 2573 questionários preenchidos. Considerando a variedade na percentagem da população estudantil em geral e a população pesquisada, segundo o sexo, veremos que a diferença entre as duas realidades é pequena.

7 A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) situa-se na “diocese” de Novo Hamburgo, formada por 23 municípios. Em 2002 essa *diocese*, segundo os dados da UNICEF, tinha uma população de 98.351 adolescentes (de 12 a 17 anos). A população total da *diocese* era de 1.132.272 habitantes. O número de *jovens* dessa diocese (18 a 25 anos) era de 117.756. Frequentavam a UNISINOS, no início de 2003, 9.662 estudantes provenientes dos municípios da *diocese* de Novo Hamburgo. Dos 23 municípios que formam a *diocese* de Novo Hamburgo, as cinco cidades com maior concentração de adolescentes eram Novo Hamburgo (25.986), São Leopoldo (21.727), Sapiranga (7.741), Taquara (5.839) e Parobé (4.964).

A média para o sexo masculino entrevistado é de 40,3% e para o geral dos alunos é de 41,3%; para o sexo feminino entrevistado, a média é de

59,6%, ao passo que a média geral, em 2003/1, era de 58,6%. Os dados indicam que a tendência é a manutenção dessa diferença.



Os entrevistados, de 17 a 24 anos, constituem 70,7%. Acrescentando a eles os 20,1% dos que têm a idade de 25 a 29 anos, vemos que 90,8% dos entrevistados têm de 17 a 29 anos. A média dos entrevistados de 30 anos ou mais é de 9,2%⁸.

1.2. Na ótica dos Centros

Olhando a realidade na ótica dos *Centros*, veremos que o Centro de Ciências Humanas é formado por 49,7% de alunos até 25 anos; no Centro de Ciências da Saúde essa média é de 71,4%; no Centro de Ciências da Comunicação a porcentagem dos alunos até 25 anos é de 70,0%; a porcentagem dos alunos com esta faixa etária, no Centro de Ciências Jurídicas, é de 67,0%; no Centro de Ciências Econômicas, é de 63,2% e no Centro de

Ciências Exatas e Tecnológicas, é de 71,9%. Os dois centros *mais velhos* são o Centro de Ciências Humanas e o Centro de Ciências Econômicas. Um centro que poderia ter mais entrevistados, talvez, é o Centro de Ciências da Saúde, mas foi nesse Centro que se deu uma única resistência na aplicação do questionário.

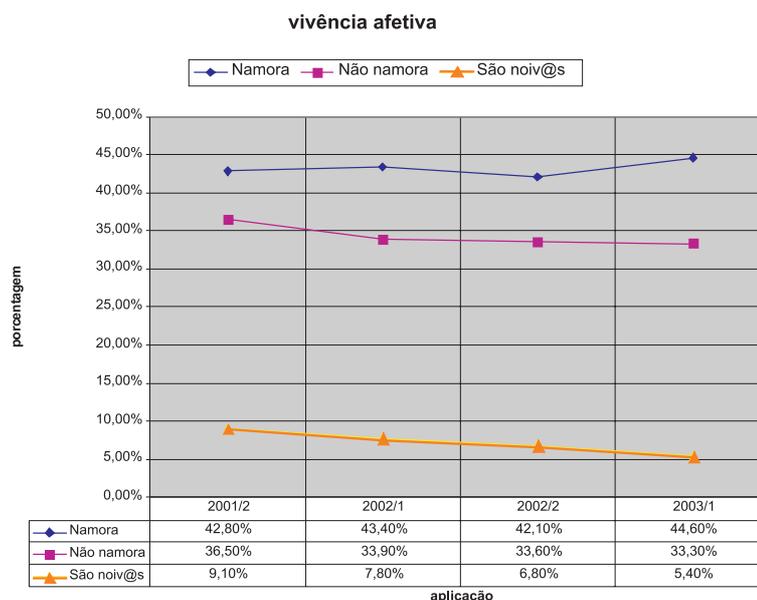
Todos os centros da UNISINOS foram contemplados com a aplicação da pesquisa. Os Centros mais atingidos foram o Centro de Ciências Econômicas, o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas e o Centro de Ciências Jurídicas. Vêm, depois, em ordem quantitativa, o Centro de Ciências da Comunicação, o Centro de Ciências Humanas e o Centro de Ciências da Saúde. No geral, as entrevistas, de um semestre para o outro, conseguiram manter uma porcentagem proporcional estável.

8 Frequentavam a Universidade do Vale do Rio dos Sinos no 2º semestre de 2001, 31.130 alunos provindos de 270 municípios do Brasil. No início de 2003 o número de alunos era de 31.481 provenientes de 296 municípios do Brasil. A metodologia adotada na aplicação do questionário conseguiu contemplar essa variedade. Pequena prova é que os centros com mais alunos também foram os que mais respostas deram ao questionário. A porcentagem dos alunos segundo as idades varia nos dados brutos e na aplicação da pesquisa, especialmente no que se refere aos alunos de 16 a 24 anos.

1.3. Estado de vida e relações

Verifica-se uma grande estabilidade quando se trata de dizer o estado civil: 81,6% dos pesquisados são solteiros, 13,4% casados e 4,0% ajuntados. Os ajuntados concentram-se, com larga vantagem, nos estudantes do Centro de

Ciências Humanas, seguidos, de longe, pelos estudantes do Centro de Ciências Jurídicas. Constatata-se, também, que a maior percentagem de casados/as se localiza no Centro de Ciências Humanas, seguido pelo Centro de Ciências Econômicas. No geral, contudo, reina calma nas percentagens [...]



O mesmo se nota quando a pergunta entra no mundo das relações: 34,2% dos pesquisados afirmam namorar; 34,3% afirmam não namorar e 7,2% afirmam ser noiva⁹. Os dados revelam, contudo, certa turbulência neste mundo de relações. Essa turbulência refere-se, principalmente, aos que dizem *outra coisa*, isto é, afirmam que não são casados ou não dizem, simplesmente, que ficam. Dizem outra coisa [...] Verifica-se, nesse sentido, uma significativa ascensão dos dados.

Os dados dizem que 87,1% dos pesquisados não têm filhos e que 12,4% têm filhos. Portanto, hipoteticamente, todos os que têm filhos se assumem casados, embora nem todos os casados/as tenham filhos.

1.4. Moradia

Se 66,5% dos pesquisados moram com os pais; 8,1% moram com outros parentes; 7,8% moram sozinhos; 1,4% mora numa república de estudantes; e 0,25% mora numa pensão de estudantes, a revelação que vai emergindo dos dados é que se vai encontrando outra forma de morar, talvez com o/a namorado/a, com amigos/as, com ajuntados/as (vejam-se os quadros das idades). É a modalidade que vai despontando com muita decisão.

81,4% dos pesquisados nasceram numa cidade com mais de 20.000 habitantes e 17,6% deles tem suas primeiras raízes no interior (fora de qualquer cidade). A tendência neste assunto é estável, com os dados revelando uma grande constância.

⁹ Vale anotar, como curiosidade, que numa pesquisa sobre o perfil das lideranças de grupos de jovens católicos da Arquidiocese de Porto Alegre, realizada no ano 2000, somente 33,1% destas lideranças namoravam, 66,2% não namoravam.

QUADRO 1: DADOS SOBRE O UNIVERSO PESQUISADO

Sexo

	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Total/Média
Entrevistados	614	646	600	713	2573
Masculinos	42,9%	39,1%	40,1%	39,2%	40,3%
Femininos	57,1%	60,8%	59,8%	60,7%	59,6%

Idade dos entrevistados

De 16 a 24 anos	71,1%	72,6%	69,5%	70,7%	70,9%
De 25 anos e mais	28,8%	27,5%	30,5%	28,6%	28,8%

Estado Civil

Casados	13,7%	13,1%	13,1%	13,8%	13,4%
Solteiros	81,8%	82,5%	81,1%	81,3%	81,6%
Ajuntados	3,4%	4,1%	4,8%	4,0%	4,0%

Respostas cfr. os Centros

Ciências Humanas	13,7%	10,6%	12,3%	17,5%	13,5%
Ciências da Saúde	11,4%	14,8%	9,5%	15,0%	12,6%
Ciências da Comunicação	15,8%	16,0%	11,6%	15,0%	14,6%
Ciências Jurídicas	16,4%	20,5%	23,6%	13,8%	18,5%
Ciências Econômicas	20,2%	16,4%	22,6%	20,3%	19,8%
Ciências Tecnológicas	20,2%	19,0%	18,6%	18,2%	19,0%

Respostas cfr. a idade

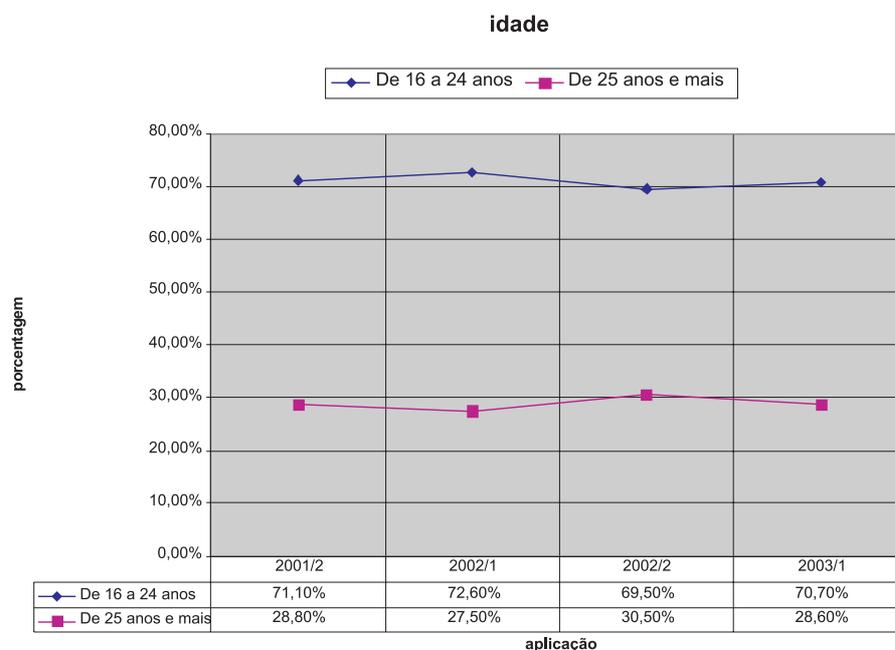
16-17 anos	2,4%	2,4%	1,3%	3,6%	2,4%
18 anos	11,1%	12,0%	10,6%	7,9%	10,4%
19 anos	14,0%	12,0%	13,5%	10,8%	12,5%
20 anos	9,8%	12,8%	12,0%	11,0%	11,4%
21 anos	9,9%	9,5%	10,5%	10,5%	10,1%
22 anos	9,4%	8,9%	10,5%	9,2%	9,5%
23-24 anos	14,5%	14,5%	11,0%	17,6%	14,4%
25-35 anos	22,3%	21,9%	24,5%	22,8%	22,8%
36 anos e mais	5,9%	4,9%	5,3%	5,7%	5,4%

Respostas cfr. a origem

Nasceu em cidade de mais de 20.000 h.	81,3%	82,0%	82,1%	80,5%	81,4%
Nasceu no interior	17,6%	17,1%	17,0%	18,9%	17,6%

Embora os dados sobre os estudantes sejam muito semelhantes, no espaço de dois anos, há variedades que merecem ser observadas. Uma das diferenças situa-se na questão de *sexo*. A pre-

sença masculina diminuiu 3,7 pontos ao passo que a presença feminina aumentou 3,6 pontos. Verifica-se, igualmente, uma constância com relação à *idade*.



Se na primeira aplicação da pesquisa a porcentagem dos estudantes entrevistados, de 17 a 24 anos, correspondia a 71,1% do geral dos estudantes entrevistados, essa porcentagem chega a 72,6% na segunda, diminui novamente para 69,4% na terceira aplicação e vai para 70,6% na última aplicação.

Diminuiu, igualmente, a porcentagem dos que se afirmam *noivos* e a porcentagem dos que *moram com parentes*, emergindo aqueles/as que encontram novas formas de fixar residência. Percebe-se, no geral, que as respostas são, no decorrer dos semestres, mais *novas*, mais femininas, menos dependentes de pais e parentes e, portanto, mais autônomas na forma de moradia.

2. O imaginário com relação a Deus

- 90,1% dos estudantes da UNISINOS acreditam em Deus. Para 40,1% Deus tem a característica de “espírito” e, para 28,1% , a característica de “pai e mãe”.
- Para 59,3% dos estudantes, as histórias religiosas influenciaram na sua maneira de ser: para 39,4%, essas histórias não influenciaram.
- Para 78,7%, Jesus Cristo é o Filho de Deus; com relação à Cristologia, contudo, a identidade de Jesus é o tema mais conflitante.

Segundo a “Encuesta Europea de Valores”, aplicada na Espanha no ano 2000, os jovens de 18 a 24 anos constituem o grupo etário que menos acredita em Deus, menos acredita no inferno, menos acredita no céu e menos acredita no pecado (GONZÁLEZ-ANLEO, 2000: 202). Contudo,

Deus, o *Absoluto*, um *Criador*, uma *referência sólida* para o todo da vida, sempre foi importante na vida do gênero humano e, também, dos jovens. Perguntar, por isso, por onde *navegam* os jovens estudantes da UNISINOS, com relação a essa totalidade, é perguntar-lhes algo fundamental. Com relação a essa questão, não se pretendeu entrar em pormenores, mas obter somente alguns dados primários que ajudassem a compreender esse aspecto do fenômeno. Como diz Marcel Postic, “o imaginário age como exorcização dos efeitos maléficos do real sobre si mesmo, e como valorização dos efeitos benéficos a fim de assegurar a nossa coerência interna” [...] No imaginário, “descubro-me ao mesmo tempo em que ajo. Mas essa descoberta não é racional: é mais vivida do que percebida”¹⁰.

QUADRO 2: O IMAGINÁRIO COM RELAÇÃO A DEUS E JESUS CRISTO

	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Média
Fé em Deus					
Sim	90,1%	91,0%	88,8%	90,7%	90,1%
Não	4,9%	2,3%	4,3%	4,6%	4,0%
Não sei	4,6%	6,6%	6,8%	4,4%	5,6%
Características de Deus					
Masculinas	8,9%	13,9%	12,5%	13,4%	12,1%
Femininas	0,3%	0,1%	0,0%	0,1%	0,1%
De pai e mãe	27,2%	30,3%	29,1%	25,8%	28,1%
De espírito	42,5%	39,1%	39,0%	40,1%	40,1%
Não preocupa	18,2%	16,0%	16,3%	16,2%	16,6%

10 POSTIC, Marcel. *O imaginário na relação pedagógica*. Rio Tinto/Portugal: Edições Asa, 1992. p. 13.

QUADRO 2: Cont.

Influência das “histórias religiosas”

Sim	60,1%	62,0%	56,7%	58,7%	59,3%
Não	38,3%	36,8%	42,1%	40,6%	39,4%

Postura ante Jesus Cristo

Não existiu	1,3%	0,7%	0,5%	1,1%	0,9%
É o filho de Deus	77,9%	81,1%	78,0%	77,9%	78,7%
Homem extraordinário, não filho de Deus	13,2%	10,3%	14,6%	13,7%	12,9%
Tão falado que não sei mais	3,6%	3,8%	4,0%	3,3%	3,6%
Não acredito nele	1,0%	1,3%	1,3%	1,6%	1,3%

2.1. 90,1% acreditam em Deus

Se na Universidade do Vale do Rio dos Sinos a porcentagem dos que *crêem em Deus* chega, com significativa estabilidade, a 90,1%; se 4,0% *dizem, com comprovada constância, não crer em Deus* e se 5,6% *dizem, com muita regularidade, não saber responder à questão*, uma pesquisa encomendada pela revista *Veja* e realizada pela agência *Vox Populi*, publicada em 19 de dezembro de 2001, traz que 99% dos brasileiros entrevistados acreditam em Deus, sem explicitar quem é ou como é esse Deus. “Nunca a fé foi tão importante na vida pessoal”, dizem as repórteres Terciane Alves e Ana Cristina Campos na revista *Tudo*, de 6 de maio de 2001. Referiam-se elas a uma pesquisa do Instituto Nacional de Pastoral, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, feita em 2001, estudando as tendências atuais do Catolicismo, procurando definir o novo perfil de católico em formação. “As pessoas buscam a fé porque acreditam na força de Deus”. Como afirma o teólogo João Batista Libânio, “o surto do sagrado é uma outra face da secularização da sociedade moderna e pós-moderna e não sua nega-

ção”¹¹. Ante a relatividade de tudo e ante um mundo onde também a religião e a fé se tornam consumo, busca-se uma certeza. Como escreve o mesmo Libânio, o cristianismo nesse final de milênio já não se defronta com o ateísmo, mas como uma religiosidade vaga, inquieta, pagã, fora das grandes instituições precisando fazer surgir, como dizia J. B. Metz, homens e mulheres que cultivem uma *paixão por Deus*¹². *Deus e religiosidade* se inter-relacionam. A fé em Deus é afirmada mais fortemente nos estudantes do Centro de Ciências Humanas e nos estudantes do Centro de Ciências Econômicas; a mesma fé é afirmada com menos vigor pelos estudantes do Centro de Ciências Jurídicas e pelos estudantes do Centro de Ciências Exatas. É um dado que pode ser sintomático, tomando em conta um possível choque do humano e do econômico, com o mundo da lei e da tecnologia.

Olhando a questão na ótica do sexo, as diferenças são claras: enquanto o feminino acredita mais, o sexo masculino afirma, com clareza, que crê menos em Deus e que, ao mesmo tempo, confessa não saber posicionar-se. Veja-se o quadro:

11 “O sagrado na pós-modernidade”. In: CALIMAN, Cleto (org.), *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do Milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 61

12 idem, p. 75.

	<i>Crêem em Deus</i>	<i>Não acreditam em Deus</i>	<i>Não sabem posicionar-se</i>
Homens	84,7%	7,3%	7,6%

2.2. Características divinas

O Deus no qual os estudantes da UNISINOS dizem acreditar é, para 40,1%, *espírito* e para 28,1% tem *características de pai e mãe*. A maioria *imagina* Deus como algo abstrato, aéreo, nebuloso, indefinido, como é um *espírito*; uma outra parte vê a necessidade de o *Absoluto* ser algo mais concreto, muito próximo deles e muito significativo: a presença de um pai ou, então, de uma mãe. “*Deus*” tem forma, encontra relação; Ele se encarna nas pessoas. Essa concepção, contudo, aponta uma queda. Um outro dado, ainda, carregado de significação, relaciona-se com a caracterização desse Deus no qual se acredita: se 16,6% não se preocupam sobre essa caracterização de Deus, 12,1% afirmam que Deus tem somente características masculinas, tendendo a afirmar-se mais. As características de um Deus que tenha as *características* de mãe chegam a 0,2%. É uma constante. Embora a mãe, especialmente na América Latina, seja uma presença importantíssima, também no imaginário da juventude da periferia e das *gangues*, sendo aquela que *educa* para os valores, não se concebe um Deus que seja mãe. Ele é masculino [...] Pode-se dizer, igualmente, que o Deus desejado, *imaginado* pelos universitários, é mais volátil do que real; *reais* são o pai e a mãe. O Deus no qual se acredita é mais *mito* do que realidade, mais masculino que feminino. Como escreve Postic, “as relações de si ao real visível ou invisível e ao Universo estão no centro da nossa vida imaginária. Não na procura de uma significação que se situe no plano racional, mas no despertar de imagens que ecoam em nós e que encarnam um sentido. Não se encontra aí explicitação; aí se percebem luzes que chegam por imperceptíveis deslizamentos de sentido”¹³, mesmo que se traia aí uma visão machista de vida.

13 Idem, op. cit. p. 15.

14 Idem, op. cit. p. 15.

2.3. Histórias religiosas

Perguntava-se se as *histórias religiosas* (onde aparecia a caracterização de Deus) que os estudantes aprenderam, principalmente na infância, influenciaram na sua maneira de ser. 59,3% dizem que *sim*, de modo geral, sem especificar a forma, e 39,4% afirmam que *não*. A tendência não é evidente, mas há sintomas indicando a queda da importância destas histórias. A *educação religiosa* na família ou em outros locais *infantis* praticamente só teve influência para quase a metade dos estudantes pesquisados. Mais do que 2/3 afirma que as *histórias religiosas* não foram relevantes. Poder-se-ia dizer que o que influencia não são as palavras, as *histórias*, mas o testemunho de vida. O que decide não é a *doutrina*, mas a prática. Os valores que essas histórias ajudaram a construir referem-se mais significativamente à formação da consciência moral e à prática da justiça, da honestidade, da solidariedade, da tolerância (9,5%); à construção da crença em Deus e no seu amor (1,3%), e à formulação do sentido de vida (2,8%). Não se pode esquecer um dado pequeno, mas que nos parece importante, isto é, que para 0,7% essas histórias foram fonte de medo e de rejeição de Deus. As respostas confirmam, de certa forma, que “pelo imaginário regressamos às nossas próprias origens. Ao mesmo tempo nos evadimos delas, para procurar o nosso ancoradouro no Universo. [...] “A nossa viagem imaginária alimenta-se das nossas esperanças ocultas, desde há muito dissimuladas, sempre vivas, prontas a germinar ao mínimo apelo”¹⁴.

2.4. A pessoa de Jesus Cristo

Com relação à figura de *Jesus Cristo* – não situada no questionário num contexto de reflexão so-

bre Deus – aparecem duas respostas significativas: por um lado, para 78,7% dos jovens estudantes da UNISINOS, Jesus é o *filho de Deus* e, por outro, para 12,9%, Jesus foi um *homem extraordinário*, mas não filho de Deus. Somente 1,3% diz *não acreditar nEle* e 3,6% afirmam-se *incapazes* de pronunciar-se sobre essa figura.

Os centros que afirmam mais decididamente a filiação divina de Jesus Cristo são os estudantes do Centro de Ciências Humanas; os estudantes que dizem isso com menos força pertencem ao Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas. Por mais fundamentadas que possam ser as respostas

dos 78,7% de jovens, não se pode negar que aparece, novamente, a necessidade de afirmar um referencial sólido para suas vidas. Jesus Cristo é, para 78,7%, o que significa *Deus* para 90,1% dos entrevistados. A questão mais conflitiva e, ao mesmo tempo, afirmada com mais segurança, é a de Jesus Cristo ser filho de Deus ou não. A grande tendência é a aceitação confessada de Jesus Cristo como filho de Deus e não somente como um homem extraordinário, embora esta seja a segunda constante. Encontramo-nos frente a um mundo não somente crente em Deus, mas preponderantemente cristão.

3. O imaginário com relação à prática religiosa

- Com relação à compreensão da vivência de fé, verifica-se o dualismo da fé e da vida, havendo a tendência para certo comunitarismo em que não tem lugar nem a reza nem o pobre.
- Quem comanda na prática religiosa são os que se afirmam serem de prática eventual ou os não-praticantes. Os que se dizem praticantes constituem 20,5%. 13,3% vão ao culto etc. semanalmente.
- 81,9% não participam de algum movimento fora da Universidade; 16,7%, sim.
- 18,7% participam de liturgias fora de sua confissão religiosa e 76,9% não.

Uma das interpretadoras da *Encuesta Europea de Valores*, aplicada na Espanha, distingue três espaços muito diferentes de religiosidade. Há, por um lado, uma grande massa que esqueceu o caminho da Igreja. São os *afastados*. Há, em segundo lugar, uma forte minoria que se considera praticante. São os *praticantes*. Há, em terceiro lugar, uma minoria de católicos de prática ocasional.

São os *católicos festivos* (GONZÁLEZ-ANLEO, 2000: 183), aqueles que marcam presença nas festas litúrgicas e familiares. Essas afirmações teriam algo a ver com a *prática religiosa* dos jovens da UNISINOS?

Por meio de cinco questões perguntava-se aos jovens, estudantes da UNISINOS, por onde navegavam em sua conceituação de *fé relacionada com a vida*. Não poderíamos, em nossa pesquisa, deixar de lado uma situação que pode ser considerada óbvia: a crise da prática religiosa. Uma coisa é *desconfiar* de algo, outra é ter dados concretos sobre esta realidade. Sabe-se que as religiões tradicionais, especialmente as igrejas cristãs históricas, estão em crise, sob vários aspectos: crise da crença como tal, abandono das práticas religiosas, enorme distanciamento entre a moral oficial das igrejas, *crer* sem pertença institucional e o que os sociólogos chamam de *desregramento institucional do *crer**¹⁵. Como se mostra isso, contudo, no mundo dos universitários?

QUADRO 3: PRÁTICA RELIGIOSA

	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Média
--	--------	--------	--------	--------	-------

A vivência da fé consiste:

1) Em participar dos sacramentos	18,9%	20,4%	17,3%	22,1%	19,6%
2) Em rezar, participar de uma comunidade e praticar a justiça, amando especialmente os pobres	33,3%	35,2%	33,5%	33,1%	33,7%
3) Em rezar e não se meter na política	8,0%	8,0%	6,8%	5,9%	7,1%
4) Em participar ativamente da vida de alguma comunidade	33,4%	36,2%	36,8%	33,1%	34,8%

15 Para mais pormenores, leia-se *Metamorfosis de lo sagrado y futuro del cristianismo*, de Juan Martín Velasco, publicado em *Selecciones de Teología* 150, 1999, p. 127-146.

Religiosamente você se considera

Praticante	22,5%	17,4%	21,1%	21,3%	20,5%
Praticante eventual	45,3%	50,4%	47,6%	48,8%	48,0%
Não-praticante	32,2%	32,0%	30,8%	29,8%	31,2%

Frequência ao culto, missa, “reunião”

De vez em quando	42,5%	49,6%	47,0%	45,7%	46,2%
Nunca	24,1%	20,4%	21,1%	24,8%	22,6%
Duas a três vezes por ano	18,1%	17,9%	17,6%	16,1%	17,4%
Semanalmente	15,1%	11,6%	13,6%	13,1%	13,3%

Participação religiosa fora da Universidade

Sim	18,9%	16,3%	16,5%	15,2%	16,7%
Não	80,0%	82,5%	80,8%	84,5%	81,9%

Cultivo de atividades religiosas não aceitas por sua religião:

Sim	16,1%	17,7%	19,8%	21,2%	18,7%
Não	78,7%	77,8%	76,3%	74,8%	76,9%

3.1. Compreensão de vivência da fé

Perguntava-se, no questionário, sobre o entendimento dos estudantes daquilo que é a *vivência da “fé”*, para eles. O resultado está no quadro acima: 34,8% afirmam que a vivência da fé consiste em *participar ativamente da vida de alguma comunidade* e 33,3% dizem que vivência da fé é *rezar, participar de uma comunidade, praticar a justiça e amar especialmente os pobres*. 19,6% afirmam que esta vivência consiste em *participar dos sacramentos* e 7,1% dizem que é *rezar e não se meter na política*.

Para uma visão de mundo e de fé que aceita ser preciso superar o dualismo que penetrou fortemente nas alas do cristianismo, isto é, a separação da fé e da vida, a separação da doutrina e da prática, a separação entre natural e sobrenatural, as duas primeiras respostas são alentadoras. A diferença está em que uns entendem por *vivência de fé* participar, simplesmente, de uma comunidade; os outros complementam isso com a oração e a opção pelos pobres. Concebe-se uma vivência de fé em que se casam o transcendente e o real, o espiritual e o social, a fé e a política, mas de modo

diversificado. Uma percentagem menor fica no *sacramentalismo* e na concepção de fé desligada da política. Num mundo onde se verificam a desclericalização do poder e do serviço eclesial, uma desregulação doutrinal e normativa, uma decomposição de ritos e crenças, uma desmonopolização do mercado do espírito e uma desinstitucionalização da religiosidade, as respostas deixam entrever uma turbulência ideológica, teológica e pastoral de grande significação.

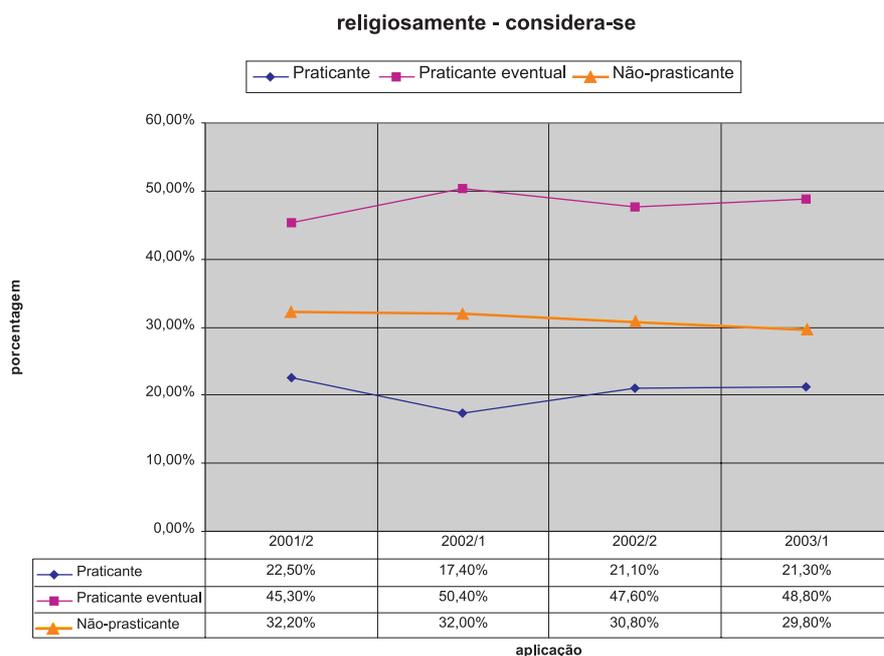
3.2. A prática religiosa

Outra é, no entanto, a situação quando se pergunta sobre os dados da *prática religiosa*. Diz González-Anleo que “a dimensão cultural da religiosidade (saberes, crenças, mitos e imagens do cosmo religioso) foi conquistando (nos últimos anos) maior importância. A pertença propriamente dita e os ritos e práticas religiosas foram perdendo clientela, sobretudo entre os jovens”

(GONZÁLEZ-ANLEO, 2000: 199). Não é bem isso que dizem os dados da nossa pesquisa, embora fique patente o hiato entre os que afirmam crer em Deus e considerar importante a participação comunitária na vivência da fé.

Os dados, com relação à prática religiosa nos estudantes da UNISINOS dizem que 48,0% são de *prática eventual*; que 31,2% não são *praticantes* e

que 20,5% se afirmam *praticante*, o que nos parece revelador. Fica evidente que a prática religiosa é significativamente mais alta nas mulheres (22,8%) do que nos homens (16,3%). Percebe-se, também, que, no meio dos homens, a não-prática vai decrescendo, enquanto é estável a prática eventual. Caminha-se para um religiosidade mais praticada.



Uma outra realidade fica, igualmente, evidente: a prática e a prática eventual é maior naqueles

que nasceram no mundo rural. O quadro desse aspecto é o seguinte:

	<i>Praticantes</i>	<i>Não-praticantes</i>	<i>Praticantes eventuais</i>
Nascidos no mundo urbano	19,1%	33,6%	47,2%
Nascidos no mundo rural	25,1%	21,1%	53,6%

Se no mundo dos não-praticantes a situação é de estabilidade – isto é, a porcentagem é quase a mesma, tendendo a uma diminuição –, não podemos dizer o mesmo com relação aos praticantes eventuais e aos praticantes, segmentos que revelam uma leve dinâmica ascendente. Percebe-se um aumento e uma diminuição que se relacionam. Nesses dois campos, manifesta-se uma pequena inquietação nos dados. Como dizem alguns autores, haveria quatro processos na vivên-

cia da religiosidade: um certo esquecimento da *memória religiosa*, não se valorizando devidamente certas festas *populares*, levando ao abandono da prática; a substituição de crenças *duras* ou dogmáticas por *empréstimos culturais* de outros mundos religiosos, levando a abraçar outras manifestações; o triunfo da religião da *bricolagem* favorecida ou imposta pelo contexto de individualização, favorecendo uma religiosidade mais privatizada; e a *flexibilidade dogmática* complacente do reivindicada

do direito de cada qual para elaborar seu próprio esquema de crenças e sua forma própria de religiosidade (GONZÁLEZ-ANLEO, 2000: 200-201). Um dado secundário, mas significativo, é que todos responderam a esta questão.

3.3. Participação em *liturgias*

Perguntava-se, também, sobre a *freqüência ao culto, à missa ou às “reuniões” em geral* nas diversas expressões religiosas. Na geografia das respostas, é o *de vez em quando* que marca posição mais decidida, seguida pelos que *nunca* vão a elas. Significa 46,2% e 22,6% respectivamente. 17,4% afirmam ir *duas a três vezes a elas, por ano* e 13,3% dizem que *vão semanalmente*. Percebe-se, por um lado, um leve processo descendente nos que freqüentam as *liturgias* de vez em quando e nos que participam delas duas ou três vezes por ano; por outro, verifica-se um leve processo ascendente dos que nunca vão às *liturgias* e dos que participam semanalmente. Estamos, em primeiro lugar, diante de uma postura contraditória: afirma-se, por um lado, na vivência da fé, a importância do comunitário e do coletivo (veja-se a compreensão de vivência da fé), mas fica-se na omissão clara dessa *obrigação*. Afirma-se, por outro lado, uma postura lógica: se diminui a percentagem dos que vão *de vez em quando*, cresce o número dos que freqüentam o *culto* semanalmente. Isso, contudo, não deixa de ser uma realidade principiante e, talvez, ilusória.

Com relação a essas posturas, Juan Martín Velasco¹⁶ tem uma afirmação importante. Diz ele que o problema fundamental das religiões na sociedade moderna não é a crise de determinadas mediações (crenças, práticas rituais, constelações simbólicas...) mas a função que essas religiões têm no possível reconhecimento da absoluta Transcendência de Deus sem desprezar a condição de pessoa do ser humano, em sua legítima autonomia e em sua inviolável dignidade. O problema é se a religião se limita a ser uma expressão do

sagrado da pessoa humana, de sua profundidade e dignidade ou se é um aprofundamento da condição humana que permite o reconhecimento, pelo ser humano, da realidade de Deus que, por ser a mais absoluta transcendência, resulta, em definitivo, em ser o centro mais profundo, a raiz e o autêntico fundamento de sua dignidade e de sua subjetividade. É isso que, de alguma forma, os estudantes gostariam de saber, respondendo a essa pergunta.

3.4. Participações religiosas fora da Universidade

A resposta a uma outra questão caminha nessa mesma direção. Perguntava-se se o estudante da UNISINOS *participa* de algum *movimento*, instituição religiosa ou de algum movimento religioso, *fora da Universidade*. 81,9% disseram que “não” (um *não* ascendente) e 16,7% disse que *sim* (um *sim* descendente). Essas atuações se dão em pastorais sem maior especificação, em encontros (Encontro de Casais com Cristo, Renovação Carismática Católica [...]), em grupos e movimentos de jovens (Encontro de Jovens Universitários, Cenáculo de Maria, Curso de Liderança Juvenil, Emaús [...]) e em Comunidades Eclesiais de Base, cultos, missas, reuniões. Os dados confirmam a resistência ao apelo que percebem e a força que tem a convocação ao isolamento e à afirmação de uma sonhada autonomia. Por um lado, vive-se a acomodação e a ausência de convicções; por outro, mantém-se a referência às ações do sagrado, invertendo-se o significado que a prática comportava na religião. O sagrado já não requer uma transcendência das pessoas. Ela é uma expressão de sua profundidade e dignidade, tendo como resultado uma religião que não é uma religião do Deus único, mas da humanidade ou, melhor, a religião do homem individual e do outro em geral, não somente daquele com o qual mantenho um vínculo privilegiado. É a religião sem Deus ou a religião do ser humano divinizado, em que a

16 Idem, falando do cristianismo frente à metamorfose do sagrado.

divinização não supõe a superação real da condição humana mas o desenvolvimento de suas melhores possibilidades¹⁷.

3.5. Atividades religiosas proibidas

Perguntou-se, no questionário, se alguém, com confissão religiosa definida, *cultivava outras atividades religiosas não aceitas por sua religião*. 18,7% disseram que *sim* (um *sim* ascendente) e 76,9% disseram que “não” (um “não” descendente). As *outras atividades religiosas* citadas são, principalmente, o espiritismo (5,5%), o catolicismo (2,1%) e o sincretismo (2,1%). 4,1% não especificaram a *atividade religiosa* praticada¹⁸. A questão levantava, evidentemente, o capítulo da identidade pessoal numa instituição. Verificam-se, nas respostas, duas posturas: 1) aquilo que P. Berger chama de

“*entrincheiramento cognitivo*”, isto é, de isolamento do meio considerado perigoso e de busca obsessiva da própria identidade, correndo o risco de tornar-se uma postura de *ghetto* ou de cruzada; 2) o que P. Berger chama de “*negociação cognitiva*”, procurando-se adaptações na própria identidade que permitam subsistir dentro das novas coordenadas culturais, com suas variadas conseqüências. A postura mais forte, na pesquisa, é a primeira postura, mas num leve processo de descendência. A segunda postura, percentualmente bem menor, mostra, contudo, uma dinâmica ascendente. Ao mesmo tempo que dizem respeitar outras denominações, enfrentam dificuldades em continuar afirmando a denominação própria com velado espírito de defesa. Os dados não deixam de revelar, também, um sintoma de insegurança, não podendo deixar de dizer, ainda, que sua *prática* é a melhor e a mais acertada.

17 Idem, falando da interpretação da situação atual com relação à vivência do sagrado.

18 Pela pesquisa, as denominações religiosas especificadas pelos estudantes da UNISINOS são 22. Os católicos somam 69,9%, os evangélicos/luteranos 9,7%, os espíritas 7,3%, os sem-religião 4,4% e os ateus 2,2%. Há outras 18 denominações com percentagem de 1,0% ou menos.

4. O imaginário expresso nalgumas crenças

- 63,0% dos estudantes da UNISINOS acreditam em espíritos e almas do outro mundo.
- 40,0% acreditam na reencarnação, mas 32,0% têm dúvidas.
- 50,8% acreditam na ressurreição. Além disso, 8,4% acreditam nela, mesmo sem saber o que isso significa. Contudo, 69,9% se afirmam católicos. A negação da ressurreição é mais alta que a da reencarnação.

É enorme e rico o mundo da religiosidade popular expressando-se de forma complexa nas mais variadas crenças sem querer referir-nos, especificamente, ao que costumamos denominar de *crendices*¹⁹. Recordamos, unicamente, uma pesquisa da revista *Veja*, realizada em dezembro de 2001. Diz ela, por exemplo, que 70,0% dos brasileiros de classe média e de escolaridade superior

acreditam numa vida após a morte e que 96,0% dos evangélicos acreditam que serão recompensados com a vida eterna, no paraíso²⁰. É comum ver um católico fazer três desejos ao colocar uma fitinha do Senhor do Bonfim e freqüentar um centro espírita; é freqüente ver um judeu reavaliando sua espiritualidade ao percorrer o caminho de Santiago de Compostela; é freqüente ver os praticantes de candomblé terem fé nos santos do catolicismo, etc. Nossa pesquisa foi muito despretensiosa com relação à expressão dos tipos de crenças. Com a vontade de esclarecer mais um aspecto do imaginário por onde andam os estudantes da UNISINOS, ativemo-nos somente a **três questões** à questão dos *espíritos* ou *almas do outro mundo*, à questão da reencarnação e à questão da ressurreição.

QUADRO 4: ALGUMAS CRENÇAS

	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Média
Crença em “espíritos” e “almas do outro mundo”					
Sim	63,0%	64,3%	64,0%	61,0%	63,0%
Não	35,2%	33,2%	34,1%	37,0%	34,8%

4.1. Almas do outro mundo...

Segundo a pesquisa, dos estudantes da UNISINOS, 63,0% acreditam em “espíritos” ou *almas do outro mundo* e 34,8% dizem não acreditar nisso. A pergunta era fechada, não possibilitando outras

considerações. A crença em *espíritos*, tão difundida, também tem sua repercussão nos jovens da UNISINOS. Isso se reforça considerando a origem variada destes estudantes²¹. Apesar de a

19 Segundo a pesquisa europeia sobre valores (especificamente na Espanha), os jovens de 18 a 24 anos é o grupo que mais crê na telepatia e na reencarnação. Por outro lado, é o grupo que mais receia e é mais crente na proteção dos amuletos.

20 Revista *Veja*, 19 de dezembro de 2001, com reportagem de Daniel Hessel Teich, Eduardo Salgado, Gabriela Carelli e Luiz Henrique Amaral, p.124-133).

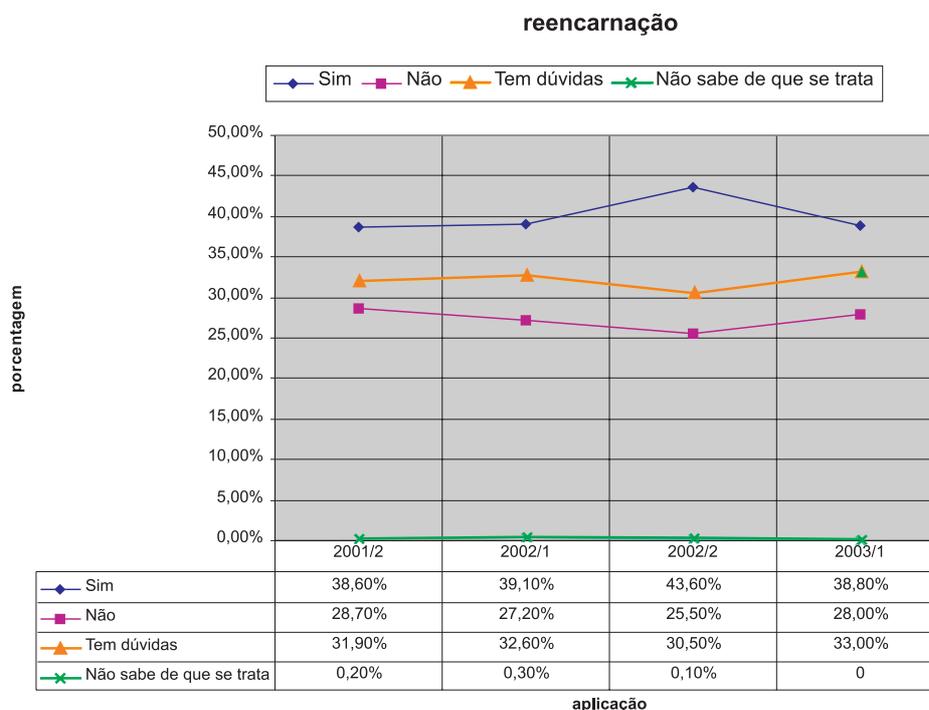
21 Veja-se a nota 5.

crença em “espíritos” e *almas de outro mundo* ficar nos 60%, com a possibilidade manifesta a cair, a não-crença nesses *espíritos*, apesar de permanecer nos 30%, tende a crescer. São significativas, contudo, as duas percentagens. Recorde-se que 9,7% dos entrevistados afirmam o espiritismo como religião deles.

4.2. Reencarnação

Próxima a essa questão situa-se o capítulo da **reencarnação**, fortemente confessada pelas ex-

pressões religiosas espíritas e combatida por um catolicismo revestido de caráter apologético. As respostas dos estudantes da UNISINOS, embolam o meio-do-campo porque, assim como 40,0% afirmam *acreditar na reencarnação*, 32,0% *têm dúvidas*, mesmo sabendo do que se trata e 27,3% dizem que *não acreditam*. Os estudantes que mais acreditam na reencarnação concentram-se nos Centros das Ciências da Comunicação e das Ciências da Saúde; os estudantes que menos crêem nessa realidade são os estudantes dos Centros de Ciências Humanas e Ciências Jurídicas.



Os que acreditam, os que duvidam e os que não acreditam se aproximam muito. Da aceitação para a negação, há 8 pontos de divergência; da aceitação para a dúvida, há uma diferença de 12,7 pontos. Assim como, de um grupo de pesquisados para o outro, aumenta a crença na reencarnação, diminui o número dos que acreditam nela. Igualmente, aumentam as dúvidas com relação ao tema.

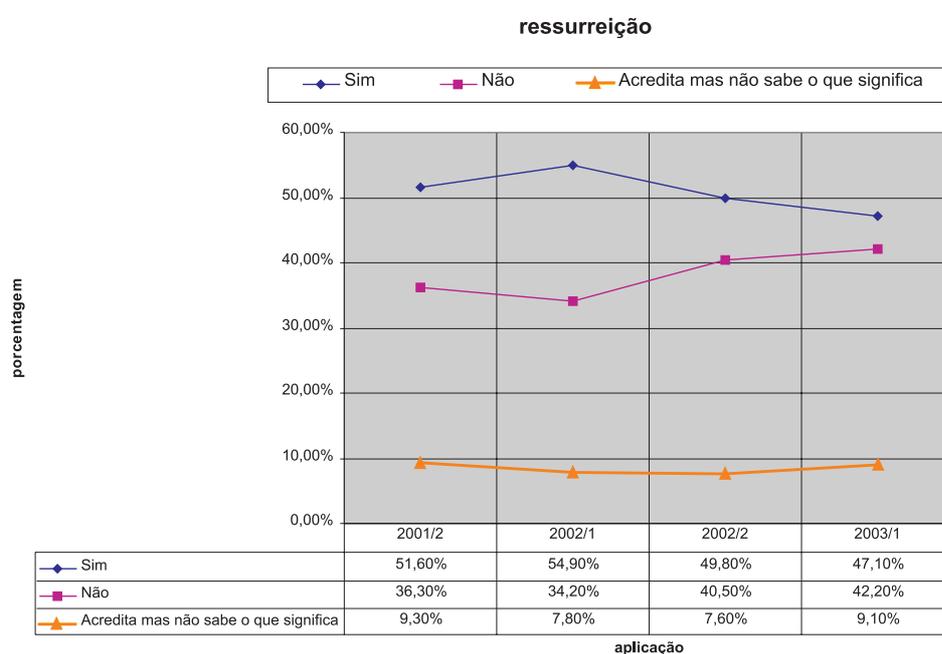
4.3. Ressurreição

Com relação à crença na *ressurreição* a geografia das respostas é um tanto diversa: assim como 50,8% afirmam *acreditar na ressurreição* (recorde-se que 69,9% se afirmam católicos), 38,3% dizem que *não*. 8,4% dizem *acreditar na ressurreição mesmo sem saber bem o que isso significa*. Comparando os dados segundo a proveniência urbana ou rural dos estudantes, fica claro que o estudante que vem do mundo mais rural acredita mais.

<i>Fé na ressurreição</i>	<i>Acreditam</i>	<i>Não acreditam</i>	<i>Tem dúvidas</i>
Estudante de origem urbana	46,5%	43,2%	8,8%
Estudante de origem rural	51,1%	37,7%	8,8%

São dados que confirmam que, nas crenças investigadas, estamos num espaço de turbulência. Assim como cresce o número dos que acreditam na ressurreição, diminui o número dos que a ne-

gam. As movimentações significativas em mundos diferentes, assim como se entrecrocam, são sintomas de desconhecimento e de busca de perspectivas.



Ressurreição e reencarnação são campos confusos: assim como é maior o número dos que aceitam a ressurreição, é significativo o número dos que a rejeitam. Pelo lado da crença na reencarnação, assim como é menor o número dos

que a aceitam, é menor a sua negação. Por outro lado, há uma diferença enorme dos que têm dúvidas. Assim como a reencarnação apresenta mais dúvidas, a ressurreição é aceita sem ser compreendida.

5. O imaginário e a religião

A religião institucionalizada²², o terceiro degrau de institucionalização de qualquer religião²³, é um universo por onde todos navegam com certo receio. Afinal, pertencer a uma religião é aceitar a viver o mistério da vida de uma determinada forma. Navega-se, neste campo, revestido de um estranho respeito porque a religião se define como a “relação do homem ao fundamento da própria natureza, da própria existência e do próprio sentido. Esta relação implica um abandono pessoal total, existencial e faz deste fundamento um ser ‘estranho’ ao mundo, ‘santo’, numinoso, um mistério”²⁴. A religião abarca o homem tanto em sua individualidade como em sua relação com a comunidade, tendo o poder de influenciar sobre as comunidades que determinam o homem e que o homem mesmo determina. O homem não tem uma faculdade especial para exprimir a reli-

gião. É, ao contrário, o homem inteiro que cumpre os deveres religiosos. Mais ainda: a religião se altera e se falsifica por causa do modo pelo qual se cumprem ou se multiplicam os diversos atos religiosos.

- *A religião é uma necessidade inata na Pessoa (67,0%).*
- *Religião é o cultivo concreto do sentido da vida; ela é encarada como a celebração da vida.*
- *Quem transmite a fé são, principalmente, o pai e a mãe (61,0%).*
- *A transmissão da fé não se dá no ensino.*
- *A postura ante a religião é exigente.*
- *Em vez de afirmar que todas as religiões são boas, prefere-se confessar que estão bem com a sua.*
- *As grandes diferenças com as religiões estão no campo moral (39,8%), mas 29,4% afirmam que não têm diferenças com ela.*

QUADRO 5: CONCEITO E ATITUDE ANTE A RELIGIÃO

	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Média
Origem da Religião					
É uma criação das pessoas	32,2%	28,0%	29,0%	34,2%	30,8%
É uma necessidade inata na pessoa	65,0%	70,4%	69,0%	63,6%	67,0%
Outras...	6,7%	5,4%	7,6%	8,6%	7,0%

22 Segundo o IBGE (2000), 73,6% dos brasileiros se admitem católicos. Na UNISINOS, essa percentagem é de 68,2%; segundo o IBGE, 15,4% da população brasileira dizia-se evangélica. Na UNISINOS essa percentagem é de 15,4%; segundo o IBGE, 1,7% dos brasileiros definia-se como espírita. Na UNISINOS essa percentagem é de 8,5%.

23 Veja o verbete *Religião* in SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. *Dicionário Etimológico das Religiões* (vol. 2). Petrópolis: Vozes, 1995.

24 Veja-se o verbete *Religião* de *Dicionário de Teologia: conceitos fundamentais da Teologia Atual*, vol. 5, com direção de Heinrich Fries. São Paulo: Loyola, 1987.

QUADRO 5: Cont.

Conceito de religião

Pertença a um grupo com doutrina	15,0%	17,0%	16,2%	8,1%	14,0%
É um rito com certas práticas	17,1%	16,1%	16,4%	16,3%	16,4%
Realidade buscada em certos momentos especiais	24,9%	25,5%	25,4%	28,7%	26,1%
É o cultivo concreto do sentido da vida	34,8%	33,2%	33,5%	37,9%	34,8%
Outras...	6,7%	5,4%	7,6%	8,6%	7,0%

Religião “aprendida”

Com o pai	2,6%	2,8%	2,0%	1,5%	2,3%
Com a mãe	15,5%	17,2%	15,0%	16,2%	15,9%
Com pai e mãe	60,8%	57,5%	65,3%	60,7%	61,0%
Com pessoa da família	7,5%	6,8%	3,3%	3,8%	5,3%
Com amigos	3,8%	3,4%	1,8%	2,6%	2,9%
Com outros...	10,0%	11,6%	12,1%	17,2%	12,7%

Atitude frente à religião (1)

Estão agindo bem		4,6%	5,1%	4,7%	4,8%
São muito falsas		19,8%	16,3%	15,1%	17,0%
Sem opinião		9,9%	11,5%	11,7%	11,0%
Cometem erro como qualquer instituição		64,7%	65,6%	66,7%	65,6%

Atitude frente à religião (2)

Todas iguais	12,9%	10,8%	11,6%	11,3%	11,6%
Distingo religiões cristãs e não-cristãs	14,0%	16,5%	16,1%	14,7%	15,3%
Estou bem na minha e respeito s outras	70,5%	69,1%	69,5%	70,9%	70,0%

Diferenças com a religião

No campo moral	40,4%	41,6%	39,5%	37,8%	39,8%
No campo político	9,9%	6,6%	6,3%	4,6%	6,8%
Não quero falar disso	11,6%	13,4%	14,5%	14,5%	13,5%
No campo do direito	1,1%	2,6%	1,1%	1,4%	1,5%
As igrejas já eram	1,1%	1,7%	1,6%	0,8%	1,3%
Não aceito as igrejas	2,9%	2,4%	2,0%	2,1%	2,3%
Não tenho diferenças	29,6%	16,4%	28,5%	33,2%	29,4%

5.1. Conceito de religião

Distinguimos, em nossa pesquisa, dois aspectos: o *conceito de religião* e a *atitude diante dela*.

5.1.1. Religião: necessidade ou criação?

Verificamos, em primeiro lugar, que 67,0% dos estudantes da Universidade afirmam que a religião é uma *necessidade inata* em toda pessoa e 30,8% dizem que a religião é uma *criação das pessoas*. Os estudantes que mais afirmam a religião como criação das pessoas pertencem ao Centro de Ciências da Comunicação (34,1%) e ao Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (34,3%). Percebe-se uma leve tendência descendente em afirmar que a religião é algo inato na pessoa, e a lenta evolução (ascendente) da afirmação dos que vêm a religião como criação das pessoas.

5.1.2. O que é religião?

Foram dadas quatro definições possíveis de religião, sem muita carga teológica, mas deixando claros aspectos considerados básicos. As quatro afirmações sobre o que é “religião” eram: 1) *pertença a grupo* com certa doutrina religiosa; 2) *um rito*, com certas práticas, sem necessidade de pertença a um grupo específico; 3) uma realidade que as pessoas buscam em *momentos especiais*, principalmente de dor ou festa; 4) o *cultivo concreto do sentido da vida*.

14,0% apontaram como a mais condizente com suas convicções, a primeira afirmação, isto é, que *religião* é a pertença a um grupo com certa doutrina religiosa; 16,4% apontaram como a mais significativa para seu modo de ver a segunda afirmação, isto é, a religião como um certo rito, com certas práticas, sem pertença a um grupo específico; 26,1% preferiram a terceira alternativa (uma realidade que as pessoas buscam em momentos especiais) e 34,8% preferiram a quarta afirmação, isto é, o cultivo concreto do sentido da vida. Além disso, 7,0% fizeram outras afirmações: que a religião é ignorância, uma forma de dominar, busca, prática social ou que a religião é

um pronto socorro ao qual se acorre em momentos de necessidade.

Podemos verificar, assim, que 60,9% optaram pela conceituação mais sintonizada com o conceito de religião institucionalizada e que 37,4% apontaram outras definições. Vale comparar o teor da quarta opção do questionário com o que afirma Heinrich Fries (1987) da abrangência da *religião* para a pessoa humana. O que se verifica é que a religião é encarada mais expressivamente como a *celebração da vida*; em segundo lugar a religião é vista como um *socorro* para os momentos difíceis e, em terceiro lugar, tem força igual a concepção de religião como um *rito* ou, então, como *pertença a alguma comunidade*. Há duas realidades em leve ascensão: a religião como o cultivo concreto do sentido da vida e a religião como uma realidade buscada em certos momentos.

5.1.3. Transmissão da fé

Havia uma questão que levantava perguntas sobre o modo como se deu, na vida dos entrevistados, a transmissão da fé. Estava em jogo não somente a “transmissão” da fé mas o *processo de educação na fé* que se viveu, um processo que deveria acontecer não somente na infância mas em todos os momentos da vida. As respostas, na sua grande maioria, dizem que só se pensou na infância. Neste sentido, quem transmitiu a religião, isto é, influenciou neles na educação na fé, foram, em primeiro lugar, (61,0%), *o pai e a mãe*; em segundo lugar (15,9%), *somente a mãe*; em terceiro lugar (12,7%), *outros* (escola, comunidade social, evangelizadores [...]); em quarto lugar, *outra pessoa da família* (5,3%); em quinto lugar (2,9%), os amigos; e, por fim (2,1%), só o pai.

Fica evidente que não se trata de um “ensino” ou de uma “doutrinação” mas de uma transmissão existencial, de convivência e de testemunho. A transmissão da fé não se dá no ensino, mas na vivência. A transmissão se dá num processo vivido mais em gestos concretos do que numa doutrinação abstrata.

5.2. Atitude diante da religião

5.2.1. Falsas ou *normais*?

Outras questões (três) relacionavam-se com algum *juízo sobre as religiões*. O primeiro julgamento apontava quatro possíveis posturas: elas estão *agindo bem*, elas são *falsas*, *não tenho opinião sobre elas* e *cometem erros como qualquer instituição*. As respostas foram as seguintes: 1) 4,8% disseram que estão agindo bem (posição estável); 2) 17,0% dizem que são muito falsas (posição descendente); 3) 11,0% disseram que não têm opinião sobre elas (posição ascendente); e 4) 65,6% dizem que elas cometem erros como qualquer instituição (posição ascendente). As diferenças são muito grandes, ficando evidente a tendência de uma postura negativa e exigente com as religiões, embora se perceba vontade de expressar menos julgamentos sobre o assunto.

5.2.2. Todas as religiões são iguais?

O mesmo teor aparece num outro julgamento com relação às religiões. Perguntou-se 1) se eram todas iguais, 2) se – nessa resposta – o entrevistado distinguia as *religiões cristãs e não-cristãs* ou 3) se ele *está bem* na sua religião e respeita as outras. As respostas foram: 1) 11,6% dizem que as religiões são todas iguais; 2) 15,3% afirmam que, nessa resposta, procura distinguir as religiões cristãs das não-cristãs; e 3) 70,0% preferem dizer que estão bem na sua religião, respeitando as outras. As opiniões mostram estabilidade, não havendo sintomas de posturas muito diversificadas.

A pergunta que pode ser feita relaciona-se com a opção um e três. Se alguém prefere dizer que está bem na sua religião e que respeita as outras, pode-se dizer que as religiões são todas iguais? A resposta parece *não*. Observa-se a mesma tendência com referência à participação dos

entrevistados em práticas religiosas de outras religiões. O que aparece é certo fechamento que P. Berger chama de *entrenchamento cognitivo*. Ao mesmo tempo que há determinação, fecha-se a possibilidade de uma diálogo *ecumênico* mais comprometido.

5.2.3. Há questionamentos?

Procurou-se saber, também, se havia, nos estudantes, algumas *diferenças*, discordâncias ou negação dos jovens com algum aspecto de sua religião. Se *sim*, onde se situaria esta *diferença*? No campo moral? No campo político? No campo do direito? Ou, então, não pensam nisso nem querem falar disso? Por acaso, *as igrejas já eram* e por isso não as aceitam ou não têm diferenças?

Se 39,8%% dizem que as diferenças se situam no *campo moral* (quando mexe comigo), 29,4% afirmam que *não têm diferenças*. 13,5% dizem que *não pensam nisso e nem querem falar disso* e 6,8% afirmam que as diferenças se situam no *campo político* (quando mexe com minha ideologia e com os outros). Fica evidente, em primeiro lugar, que o maior e único conflito significativo está no campo da moralidade. As diferenças com a religião no campo moral são afirmadas mais no Centro das Ciências da Comunicação e no Centro de Ciências Humanas. Os estudantes do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas são os que menos se preocupam com isso.

É significativo, em segundo lugar, o grau de *satisfação* ou de acomodação existente. Verifica-se, com bastante evidência, uma tendência significativa de não pensar nisso, preferindo uma religião que não incomoda nem faça pensar. O importante é que *minha religião* é minha, e nada mais. A política tem pouca influência nas discordâncias religiosas. A religião situa-se no campo do indivíduo e não do social.

6. O sacramento da confissão no imaginário dos universitários católicos

Pelas dificuldades que se percebem com relação à confissão, quis-se verificar como encaravam o assunto os universitários. Uma pergunta bem específica, *dirigida somente aos jovens estudantes católicos*, referia-se, por isso, ao *sacramento da confissão*. O questionário procurava deixar bem cla-

ro o que significava esse sacramento. Não se fez a mesma pergunta com relação ao sacramento da Eucaristia, o que foi uma pena. As perguntas referiam-se à *aceitação* desse sacramento e à sua *prática*. O quadro geral das duas questões é o seguinte:

QUADRO 6: ATITUDE FRENTE À CONFISSÃO

<i>Aceitam</i>	<i>Praticam</i>
38,0% aceitam com restrições	38,9% nunca praticam
25,1% aceitam, simplesmente	28,2% praticam de vez em quando
10,2% não aceitam, de jeito nenhum	4,3% faz parte de sua prática religiosa
26,4% não responderam	28,3% não responderam

- *Aceitam o sacramento da confissão 63,1%, incluindo as restrições.*
- *4,3% dos estudantes católicos fazem da confissão uma prática comum; 38,9% nunca se confessam.*
- *A teoria é uma, a prática é outra.*

do de corresponder ao número de católicos e, ao mesmo tempo, significar que a aceitação, na sua raiz, existe. Não se nega o sacramento. Apesar de poder significar uma certa aceitação meramente formal, há coerência e fidelidade à religião que abraçam.

6.1. Aceitação

Quanto à *aceitação* ficam evidentes duas respostas: 38,0% dizem que aceitam este sacramento, mas *não na forma como é posto em prática*. Essa tendência é crescente. 25,1% afirmam que aceitam, simplesmente, *a confissão como sacramento*. A tendência é crescente. 10,2% *não aceitam o sacramento da confissão de jeito nenhum*. A tendência é instável. Não responderam à questão 26,4%. Aceitam o sacramento um total de 62,1%, manifestando-se uma significativa tendência ascendente, apesar de a rejeição do sacramento ser, igualmente, crescente. Considerando que 69,9% dos estudantes são católicos, a percentagem tem o senti-

6.2. Prática

Contudo, embora o sacramento da confissão seja aceito, *a prática* do sacramento oferece outros dados: 38,9% afirmam que *não praticam nunca* o sacramento. 28,2% dizem que o vivenciam *de vez em quando* e somente 4,3% dizem que a vivência deste sacramento faz parte de *sua prática religiosa*. 28,3% não responderam à questão. Como se vê, a teoria é uma (63,1% aceitam) e a prática (32,5% praticam) é outra. Devemos considerar que foi pedido que somente os católicos respondessem. Embora nos movamos num espaço de conflitos, a constância das respostas é um fato.

7. O imaginário do estudante relacionando-se com a confessionalidade da instituição

Devido ao fato de as aplicações do questionário terem sido feitas em sala de aula e apesar de a pesquisa não ter o intuito de ser *institucional* (o que era dito aos entrevistados e aos que aplicavam), corria-se o risco de as respostas serem *formais*. Para agradar. No entanto, não foi o que aconteceu. As aplicações foram feitas durante a vida ativa da instituição e com estudantes que já estavam familiarizados com a Universidade.

- 86,7% dos estudantes da UNISINOS sabem

- que a Universidade é confessional, mas a confessionalidade não interessa.
- 85,1% não sabem que há, na Universidade,
- um serviço de atendimento religioso fora das aulas de “Humanismo Social Cristão”.
- 55,2% dos estudantes gostariam de ter um “acompanhamento” religioso dialogante, convincente e explícito.
- O atendimento religioso não interessa para 51,8% dos estudantes; mas 45,0% espera que ele exista.

QUADRO 7: A CONFESSIONALIDADE DA INSTITUIÇÃO

	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Média
Ciência da confessionalidade (sabia...)					
Que é de confissão católica	57,5%	57,2%	53,6%	55,0%	55,8%
Que não tem religião	0,5%	0,3%	0,1%	0,3%	0,3%
Que é de alguma confissão cristã	9,0%	13,7%	17,1%	13,5%	13,3%
Não se interessou por isso	31,8%	28,0%	28,6%	30,1%	29,6%

7.1. Ciência da confessionalidade

Havia, com respeito ao relacionamento dos estudantes com a confessionalidade da instituição, quatro questões. Uma delas relacionava-se à *confessionalidade da Universidade do Vale do Rio dos Sinos*, como tal. Perguntava-se se o estudante, ao entrar nesta Universidade, sabia se ela era de confissão católica ou de alguma confissão cristã, se ela não tinha religião ou se esse assunto não lhe

interessou. Todas as respostas têm seu sentido. Os dados dizem: 1) que a totalidade dos alunos sabia que a Universidade tem alguma religião, mas não acharam importante afirmá-lo. Só 0,3% afirma que ela era sem religião; 2) que 86,7% sabiam que a Universidade era de alguma confissão cristã, mas somente 13,3% acharam importante dizer-lo; 3) que 44,2% dizem que a Universidade assume a confessionalidade católica, mas somente 56,7% acharam importante dizer-lo; 4) que

70,4%, de forma estável, afirmam que a confessionalidade lhes interessa mas que 29,6% acharam importante afirmá-lo explicitamente. Há, portanto, duas respostas que se destacam: 1) que os alu-

nos sabiam que a instituição na qual entravam é católica; 2) que a confessionalidade da instituição não lhes interessava.

QUADRO 8: REAÇÕES DIANTE DA OFERTA DE ATENDIMENTO RELIGIOSO

	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Média
--	--------	--------	--------	--------	-------

Ciência deste serviço

Sim	18,4%	14,5%	12,0%	12,4%	14,3%
Não	81,4%	84,9%	87,1%	87,0%	85,1%

Desejo de atendimento religioso

Sim, bem explícito	7,0%	8,8%	7,6%	8,4%	7,9%
Sim, convincente	16,8%	11,9%	16,0%	14,7%	14,8%
Não	41,5%	46,9%	42,5%	44,4%	43,8%
Sim, que dialogue com outras religiões	34,4%	31,1%	33,3%	31,5%	32,5%

Interesse pelo atendimento religioso

Não quer	17,1%	16,5%	16,0%	17,6%	16,8%
Não tem tempo	13,8%	18,4%	16,1%	14,7%	15,7%
Tem outras formas de ser atendido	18,4%	19,0%	20,1%	19,7%	19,3%
Espera que exista	47,7%	43,0%	45,0%	44,3%	45,0%

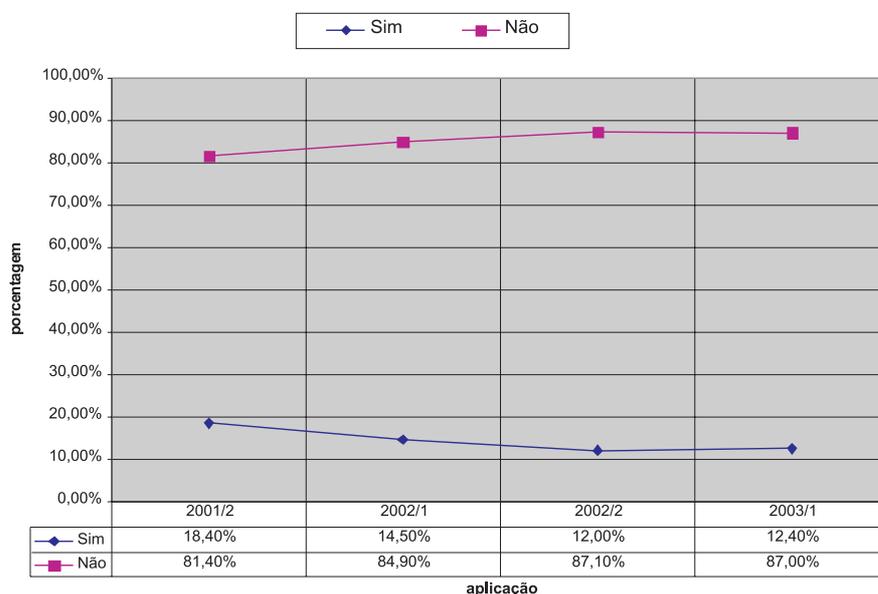
Apesar de a família ter, segundo diversas pesquisas, certa simpatia do jovem, não podemos dizer que o mesmo valha com relação às instituições em geral. A instituição, para o jovem, cheira à dependência, a normas, à autoridade, para não dizer autoritarismo. A Universidade fugiria dessa atitude do jovem? Ao que parece, “não” porque, na sociedade em que se vive, *passar no vestibular, ingressar na Universidade* levanta a auto-estima de qualquer pessoa, especialmente do jovem. Nem interessa muito, neste caso, que ela seja confessional, ou não. O importante é ser

universitário... O importante é ingressar na Universidade.

7.2. Informação e desejo

As outras perguntas referiam-se ao *atendimento religioso* oferecido pela Universidade, fora das disciplinas ligadas ao núcleo de “Humanismo Social Cristão”. Se 14,3% *sabem* da existência de algum desses atendimentos, 85,1% dizem ignorar essa realidade. Está evidente que o serviço de atendimento é, progressivamente, menos conhecido.

conhecimento de atendimento religioso na universidade



Perguntava-se, igualmente, se o estudante *gostaria de ter* algum atendimento religioso. 43,8% dizem que *não*; 32,5% dizem que *sim* mas um atendimento que *dialogue* com outras religiões; 14,8% afirmam que *sim*, mas que *seja convincente* e 7,9% afirmam que *sim* e que *seja bem explícito*. Se 55,2% desejam este serviço, com vários adjetivos (convincente, explícito, dialógico), 43,8% dizem claramente que *não*.

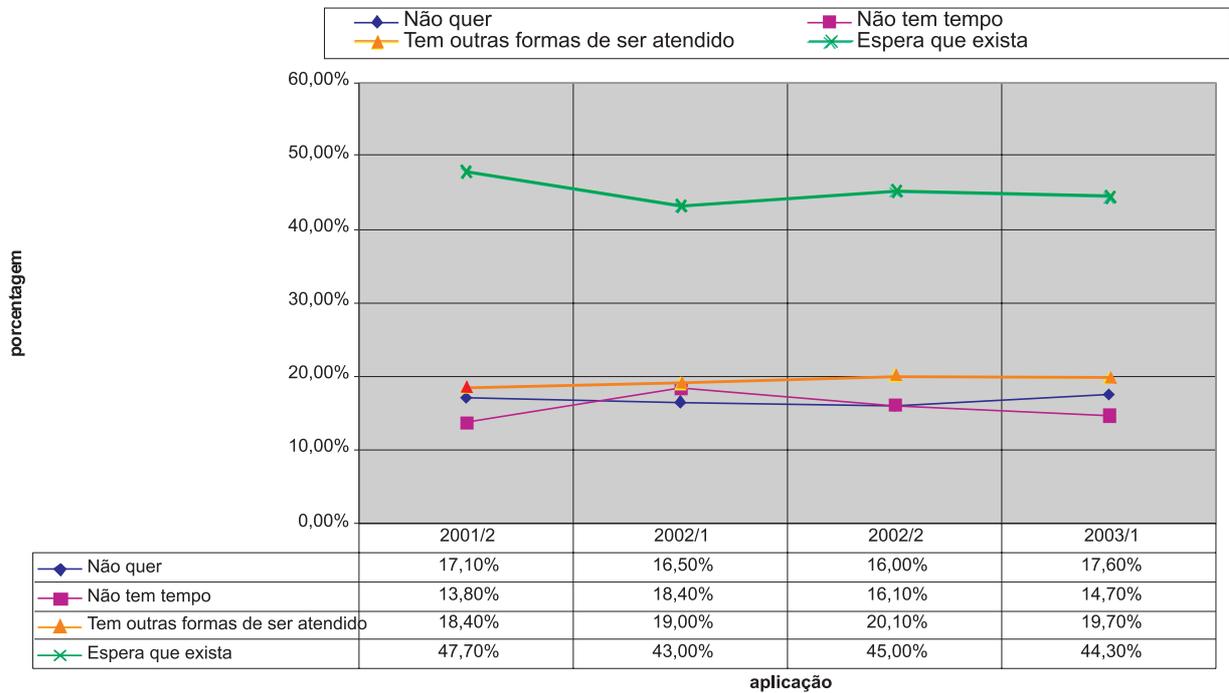
A questão de fundo com a qual nos deparamos aqui é a questão do desejo de acompanhamento. 43,8% dos estudantes são muito claros dizendo que *não*. É o mesmo que dizer: “agradeço, mas não quero, não preciso, não aceito acompanhamento”. No fundo o discurso é da independência ou da auto-suficiência. “Quero e vou-me virar sozinho”... O discurso, até, é de agressão: “Quem são vocês para me oferecer este serviço?” Dramática, contudo, é a porcentagem dos que ignoram a existência dessa possibilidade. A máquina parece ser tão *grande*, tão *esmagadora* que essa realidade não aparece. Por outro lado, a

não-prática de acompanhamento nas igrejas pode ser, igualmente, a causa dessa falta de curiosidade ou de *serviço* que uma instituição talvez deseje oferecer. Poucos são os/as jovens que têm oportunidade de conversar, um pouco mais à vontade, com um sacerdote ou um pastor.

7.3. Interesse pelo atendimento

Havia, no entanto, outra questão relacionada com essa e perguntava *por que esse atendimento não lhe interessa*. As respostas foram: a) não lhe interessa porque *não o quer*: 16,8%; b) não lhe interessa porque *não tem tempo*: 15,7%; c) *não lhe interessa* porque tem outras formas de ser atendido: 19,3%. 45,0%, contudo, afirmam que *esperam que esse serviço exista* porque é uma Universidade Católica. Para quase a metade dos estudantes da UNISINOS, é *obrigação* da Universidade oferecer aos seus alunos a possibilidade de serem acompanhados na dimensão da educação para a vida e a fé.

interesse por atendimento religioso



Estranhamente, o *desejo* ou a vontade de ser acompanhado ou de ter a possibilidade de ser acompanhado não existe ou não é afirmado. Comparando os 56,7% dos alunos que sabiam da confessionalidade da instituição na qual ingressavam, o que significam estes 45,2% afirmando que, nesta Universidade, deve existir esse serviço de acompanhamento? Não se sabe se quem co-

manda o imaginário desses jovens é a auto-suficiência ou o desejo de ser ajudado na construção de sua personalidade. Destacam-se duas afirmações: a) a constância das respostas e b) apesar de 51,8% não quererem ou não precisarem desse atendimento. 45,0% expressam explicitamente o desejo de tê-lo.

8. O imaginário existencial do estudante da UNISINOS

O imaginário de qualquer pessoa, também o imaginário religioso, relaciona-se com a utopia e a realização tanto profissional como existencial, visando à construção de uma sociedade que se quer real. Como diz Evelyne Platagean, “o domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estes autorizam. (...) Em outras palavras, o limite entre o real e o imaginário revela-se variável, enquanto o território atravessado por esse limite permanece, ao contrário, sempre e por toda parte idêntico, já que nada é mais senão o campo inteiro da experiência humana”²⁵. Qual a utopia que podemos vislumbrar, por meio do questionário, nos estudantes da UNISINOS a partir de sua postura existencial ante o mundo que desejam viver e encontrar? Por onde navegam?

- *O futuro da humanidade e a profissão são preocupações que tendem a superar a preocupação com a realização pessoal e a segurança.*
- *A preocupação individual e social se aproximam muito.*
- *Acredita-se nos movimentos sociais, mas não nos sindicatos e partidos.*
- *Existencialmente, sobressai o desejo de desfrutar e gozar a vida (atitude juvenil); olha-se a vida eivada de religiosidade (atitude religiosa); teme-se a exclusão social (atitude econômica).*

8.1. Primeira situação

Havia três questões relacionadas ao sentimento existencial do jovem diante da vida e do futuro. Tratava-se de perceber, de alguma forma, como os estudantes se sentem na conjuntura atual.

QUADRO 9: PREOCUPAÇÕES ATUAIS

	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Média
Segurança e realização pessoal	32,8%	35,7%	32,9%	4,7%	26,5%
Profissão	16,2%	18,8%	15,6%	25,4%	19,0%
Violência	10,6%	9,9%	10,1%	16,1%	11,6%
Futuro da humanidade	21,4%	17,0%	19,2%	25,4%	20,7%
Aquisição de dinheiro	3,4%	2,9%	3,4%	4,7%	3,6%
Situação social do povo	13,9%	12,2%	14,4%	17,8%	14,5%
Outra	1,4%	3,0%	3,4%	4,7%	3,1%

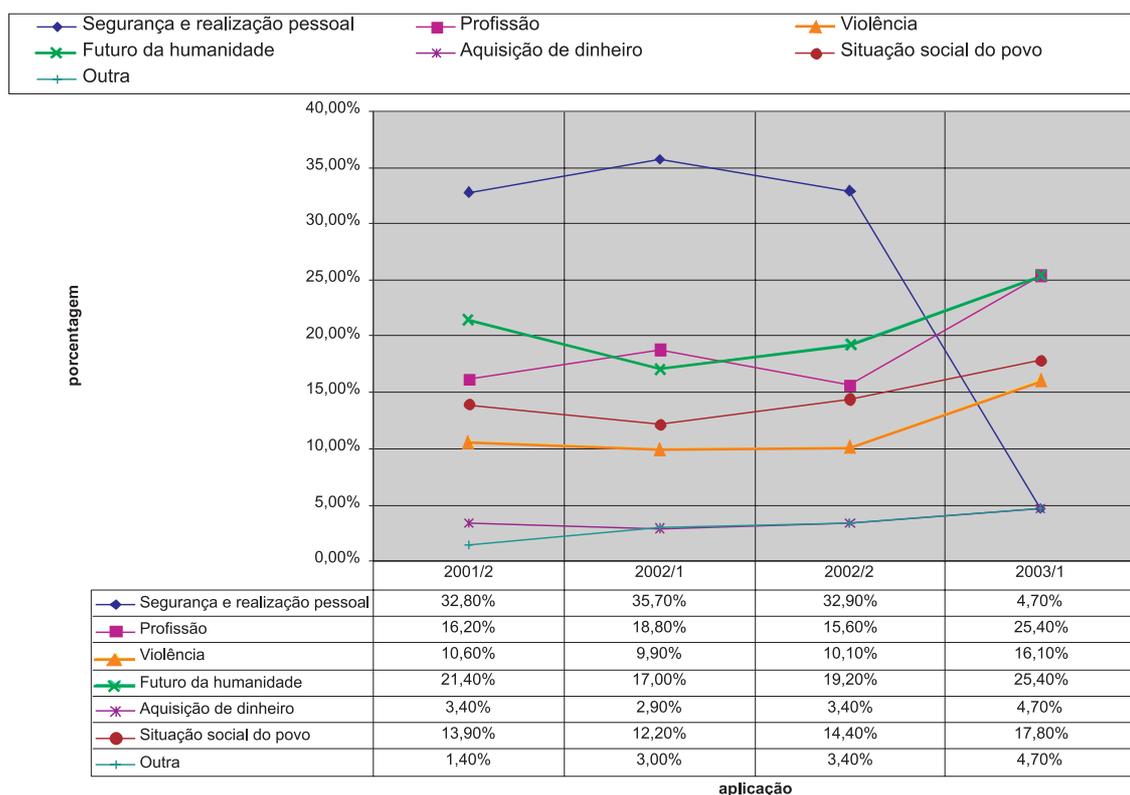
25 PLATAGEAN, Evelyne. A história do imaginário. In: LE GOFF, Jacques, org. “A história nova”. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 291. Veja-se, também, “500 Anos de América: Imaginário e Utopia”, sob a coordenação de Sandra Jatahy Pesavento.

As preocupações em turbulência

A primeira das questões referia-se às *preocupações atuais* desses estudantes. Elencavam-se seis preocupações. Houve o acréscimo espontâneo de algumas outras: a vivência religiosa, a realidade familiar, as relações das pessoas e outras, mas com pouca percentagem. É uma questão turbulenta. Apesar de a segurança e a realização pessoal estarem em primeiro lugar nas preocupações (26,5%), elas apresentam uma tendência significativa para a queda, com muita probabilidade de serem superadas por outras preocupações. Estão

em grande fase de ascensão a preocupação com o futuro da humanidade (20,7%) e a preocupação com a profissão (19,0%). Em quarto lugar, mas demonstrando a maior tendência de crescimento, está a preocupação com a situação social do povo (14,5%). Em quinto lugar, está a preocupação com a violência (11,6%), também crescente. Em último lugar, mantendo certa regularidade, está a preocupação com a consecução do dinheiro. Percebe-se que, na última aplicação do questionário, a segurança e a realização pessoal se igualam com a consecução de dinheiro.

maiores preocupações



Como se pode ver, a preocupação social (46,8%) e a preocupação com o individual (48,6%) se aproximam bastante, com certa vantagem para uma tendência individualista. O que está crescendo, contudo, é a preocupação com o social. Considerando que a violência é considerada, pelas pesquisas que se publicam com adultos e jovens, uma das grandes preocupações, na pre-

sente pesquisa, é relativamente baixa como *preocupação*. Carrega consigo, no entanto, a tendência de crescer. Afirmam-se dois grandes mundos de preocupações: um que olha mais para o que rodeia o jovem e o outro que olha para si mesmo; o olhar *para fora* mostra sinais de avançar, e o olhar *para o mundo pessoal* vai cedendo na intensidade de preocupação.

8.2. Segunda situação

Duas outras questões levavam o estudante a se descrever a si mesmo em *sua postura diante de algumas realidades sociais: instituições, movimentos sociais* [...] procurando que se classificasse no seu relacionamento com essas diversas *realidades*. Tratava-se de perceber os *sentimentos* mais significativos.

Uma primeira *classificação* apresentava seis possibilidades: 1) afirmar-se como confiante nos movimentos sociais, ecológicos e instituições; 2)

afirmar-se como crente nos movimentos sociais, permissivo nos comportamentos privados e exigente no tratamento que se dá aos bens públicos; 3) afirmar-se confiante nos movimentos sociais e partidos; 4) afirmar-se desconfiado com relação ao coletivo e crente na iniciativa privada; 5) afirmar-se *dura* na aceitação de drogados, gays, etc. e, por fim, 6) afirmar-se pouco confiante com respeito às instituições em geral como a família, a escola e a igreja. O resultado das respostas é o seguinte:

QUADRO 10: POSTURA PESSOAL ANTE ALGUMAS “REALIDADES SOCIAIS”

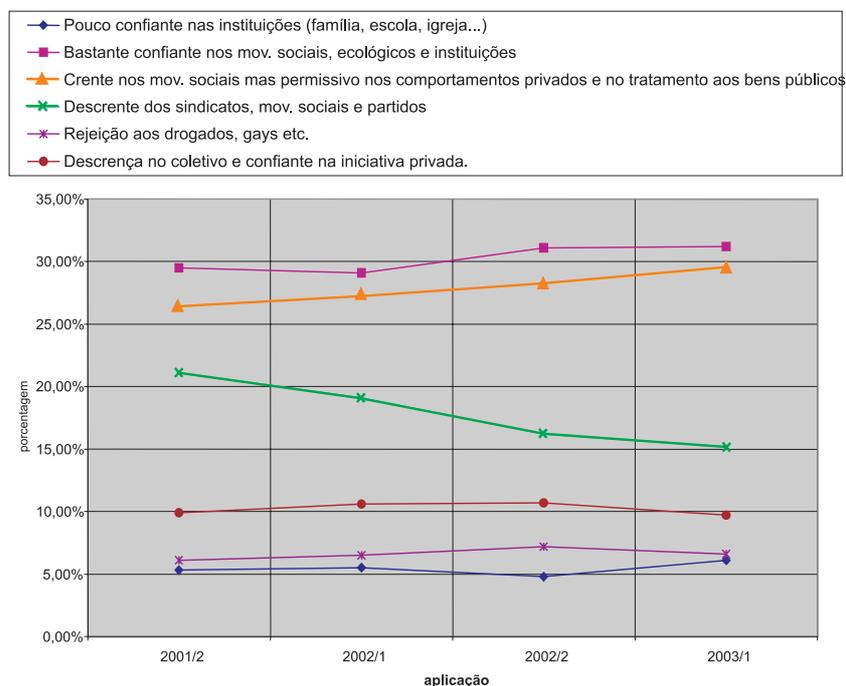
	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Média
Pouco confiante nas instituições (família, escola, igreja...)	5,3%	5,5%	4,8%	6,1%	5,4%
Bastante confiante nos mov. sociais, ecológicos e instituições	29,5%	29,1%	31,1%	31,2%	30,2%
Crente nos mov. sociais mas permissivo nos comportamentos privados e no tratamento aos bens públicos	26,4%	27,3%	28,2%	29,5%	27,8%
Descrente dos sindicatos, mov. sociais e partidos	21,1%	19,1%	16,2%	15,2%	17,9%
Rejeição aos drogados, gays etc.	6,1%	6,5%	7,2%	6,6%	6,6%
Descrença no coletivo e confiante na iniciativa privada.	9,9%	10,6%	10,7%	9,7%	10,2%

Fica claro, por dedução das respostas dadas, que os estudantes da UNISINOS: 1) confiam na família, na escola e nas igrejas; 2) procuram ter respeito aos drogados, gays etc.; 3) acreditam na iniciativa privada; 4) acreditam no coletivo. Fica claro, também, que mais do que a metade dos estudantes confiam nos movimentos sociais embora concordem que essa postura não seja de todo coerente.

Lendo os dados dos quatro questionários (com relação a essa pergunta), constata-se, igualmente: a) que não há maior turbulência nos *sentimentos*, verificando-se uma leve tendência ao crescimento na crença nos movimentos sociais e uma

queda na confiança nos sindicatos e partidos; b) que se ressaltam quatro posturas: 1) a crença nos movimentos sociais (30,2%), 2) a postura de permissividade nos comportamentos privados e de exigência no tratamento dos bens públicos (27,8%), 3) a falta de confiança no coletivo, nos sindicatos e partidos (17,9%) e 4) a crença na iniciativa privada (10,2%). As duas afirmações mais significativas, diretas, relacionam-se com a positividade diante dos movimentos sociais e do relacionamento de alguma forma contraditório entre permissividade no pessoal e exigência no tratamento com os bens públicos.

classificação de si mesmo



8.3. Terceira situação

O questionário provocava, ainda, uma outra autoclassificação dos estudantes. Visava-se a uma postura mais existencial ante a *realidade por parte de cada um/a*. Uma postura mais filosófica. Uma postura de sentido de vida. Havia oito possibilidades de autoclassificação, tendo o estudante a possibilidade de escolher três afirmações com as quais mais se identificava, mesmo sem saber bem o que a afirmação queria significar. Perguntava-se se ele se descrevia 1) como alguém que re-

siste à modernidade; 2) como alguém religioso, simplesmente; 3) como alguém rebelde existencial; 4) como alguém religioso, gostando do festivo, do místico e do estético; 5) como alguém que deseja, antes de tudo, desfrutar e gozar a vida; 6) como alguém um tanto enjoado da vida e da sociedade; 7) como alguém socialmente inquieto; 8) como alguém que sente a exclusão social como uma forte ameaça. O resultado das respostas é o seguinte:

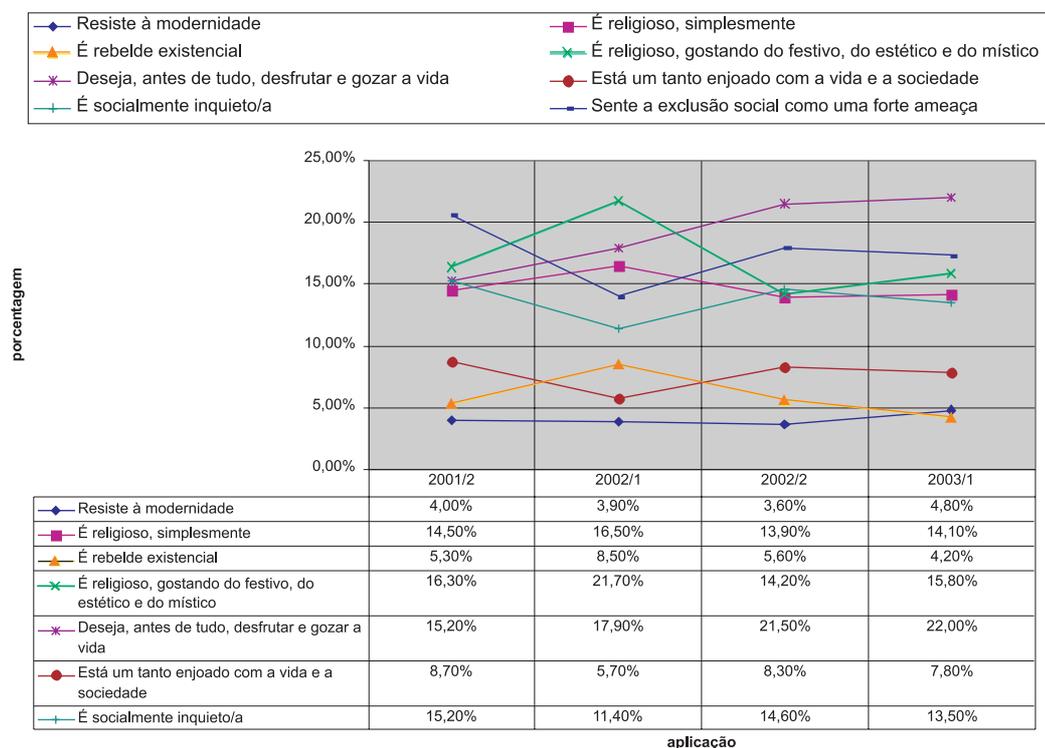
QUADRO 11: POSTURA EXISTENCIAL

Aspecto	2001/2	2002/1	2002/2	2003/1	Média
Resiste à modernidade	4,0%	3,9%	3,6%	4,8%	4,0%
É religioso, simplesmente	14,5%	16,5%	13,9%	14,1%	14,7%
É rebelde existencial	5,3%	8,5%	5,6%	4,2%	5,9%
É religioso, gostando do festivo, do estético e do místico	16,3%	21,7%	14,2%	15,8%	17,0%
Deseja, antes de tudo, desfrutar e gozar a vida	15,2%	17,9%	21,5%	22,0%	19,1%
Está um tanto enjoado com a vida e a sociedade	8,7%	5,7%	8,3%	7,8%	7,6%
É socialmente inquieto/a	15,2%	11,4%	14,6%	13,5%	13,6%
Sente a exclusão social como uma forte ameaça	20,6%	14,0%	17,9%	17,3%	17,4%

Estamos ante uma descrição que se esvoaça bastante, misturando medo e sonho, misturando gozo, religião e economia, ameaça e vontade de fazer da vida uma festa, sem repressões. Faz-nos recordar o que Ricardo Levene escreve em “*História da América*” falando do espírito empreendedor de Juan Ponce de León. Diz esse autor que “em 1512 Juan Ponce de Leon empreendeu uma nova conquista, a mais extraordinária de sua vida. Havia ouvido que os índios falavam de uma fonte de Bimini e de um rio de águas maravilhosas que tinham a propriedade de rejuvenescer as pessoas que se banhavam nela. [...] Em livros antigos, havia lido que nas terras orientais existia uma ‘fons juventutis’ com as mesmas propriedades daquela fonte e daqueles rios dos quais tanto falavam os índios, e não duvidou um instante que a fonte da

juventude, tão buscada pelos viajantes da Idade Média, devia ser aquela que se encontrava em uma terra situada ao Norte da ilha de Cuba. Conseguiu que o rei autorizasse a armar três caravelas e partir com elas em busca da fonte e do rio”²⁶. E mandou-se mar a dentro [...] Essa busca utópica desse descobridor vivendo num mundo onde os paradigmas estavam sofrendo fortes transformações, encontra-se envenenada nas respostas dos jovens que acabamos de ver. Poderíamos até perguntar se as respostas dos estudantes poderiam enfileirar-se – já que estamos num novo mundo sofrendo transformações de paradigmas – nesta mesma vontade de alcançar o sonhado. Eles chegarão a essa *fonte da juventude* alimentados com o espírito que denotam?

postura existencial



A dispersão e a univocidade das respostas deixa claro: 1) que a resposta mais forte é *o gosto e o desejo de desfrutar a vida* (19,1%). É uma resposta tipi-

camente juvenil. Junto com a reação diante da exclusão, é a única resposta em contínua ascensão; 2) que a segunda resposta está eivada de religiosi-

26 LEVENE, Ricardo. “*História de América*”. Buenos Aires: Jackson, 1940. Tomo 3. p. 110-111.

dade. Afirma que olha a vida religiosamente, simplesmente, ou que é religioso, gostando do festivo, do estético e do místico (31,7%); 3) que a terceira tendência se depara com a crueldade do econômico. A exclusão social apresenta-se para os estudantes da UNISINOS como uma forte ameaça. É verdade que desejam, no meio de tudo isso, desfrutar e *gozar a vida*, reconhecem-se *religiosos*, mas deixam transparecer uma *inquietação social*; é verdade que parecem deixar-se mover

por um espírito de *fé no transcendente*, de amor à mística e à beleza, mas – assim como poucos se assumem como rebeldes existenciais –, a mesma força tem, nesta juventude, certo enjôo com a vida e a sociedade. Os sentimentos são semelhantes, estando as maiores diferenças na expressão do religioso e do medo da exclusão. Dizem que não resistem à modernidade mas temem, ao mesmo tempo, os caminhos que o neoliberalismo está possibilitando.

Conclusão

Numa visão geral, pelos dados que a pesquisa levanta, verifica-se uma grande constância ou, então, uma evidente univocidade. Isso pode levar a duas interpretações: a) o imaginário do estudante da UNISINOS é esse, de fato. É neste mar que os estudantes da UNISINOS navegam; b) o tempo da aplicação da pesquisa não foi suficientemente longo para abrir possibilidades de leitura da evolução do imaginário em questão. Isso, contudo, está por ser verificado. Por ora, cremos que os dados são estes. Podemos dizer, por isso, que os estudantes da UNISINOS são, na sua maioria, do sexo feminino, que uma grande percentagem deles tem até 25 anos (70,7%) ou 90,8% até 29 anos, que em grande parte os estudantes são solteiros e sem filhos, que uma grande percentagem deles não namora, que mais do que a metade deles mora com os pais e que 81,4% provêm de cidades com mais de 20 mil habitantes.

Podemos dizer, também, que o imaginário religioso deles movimenta-se em quatro espaços distintos. O primeiro espaço é de **calmaria** onde a quase totalidade pensa da mesma forma. Referimo-nos à crença em Deus, à expressiva maioria dos que se confessam católicos e à não-participação deles, em percentagem elevada, de atividades religiosas que não sejam de sua confissão específica. Encontram-se afirmações de aceitação e de rejeição, expressando uma evidente univocidade.

Um segundo espaço que se apresenta é de **turbulência**. Há choques de posturas e de imaginários. Referimo-nos à prática e à não-prática da religião; à não-freqüência ou à freqüência do sacramento da confissão; à crença, ou não, na existência de *espíritos*; à conceituação tumultuada do que é religião ou até à forma como essa fé lhes foi transmitida e, mesmo, ao julgamento que fazem das religiões em geral; ao desejo, ou não, de um acompanhamento religioso por parte da Univer-

sidade confessional e à importância ou ao significado que tem para eles o fato de a UNISINOS ser confessional, católica. Assim como alguns querem, outros não querem; assim como um grande grupo faz, outro grande grupo não faz; assim como um grande grupo deseja, outro grande grupo não deseja. Chamamos essa situação de *turbulenta*.

Um terceiro espaço é de **tempestade**. Referimo-nos ao significado, para eles, da religião, ao conceito que eles têm de Deus, à postura que têm com relação à reencarnação e à ressurreição, à crença, ou não, nos movimentos sociais, à vivência deles da fé, às preocupações que carregam, às diferenças que têm com relação às religiões e a postura que demonstram com relação ao sacramento da confissão. O espaço é de tempestade. Enfrentar essas situações exige mais pedagogia, mais diálogo, mais debate, mais estudo. *Religião, Deus, Jesus Cristo, Reencarnação, Ressurreição*, significado dos movimentos sociais, *Confissão* (para os católicos) são temas que exigem aprofundamento.

Um quarto espaço é de **proibição de vôo** porque o tempo não está favorável. Referimo-nos à baixa prática semanal da freqüência ao culto (missa, reunião...), à baixa freqüência em atividades religiosas não aceitas pela religião confessada, ao baixo valor que têm as instituições educativas ou até dos evangelizadores na aprendizagem da religião, ao baixo conceito de um Deus mais encarnado, ao peso que tem a crença em Jesus como filho de Deus e não tanto como simplesmente um homem extraordinário, à desconfiança que se tem do coletivo, à pouca participação em movimentos ou instituições religiosas fora da Universidade, ao peso que tem a preocupação com o pessoal e à fraqueza da preocupação com o social, ao fato de não quererem nem pen-

sar nas diferenças que carregam com relação à religião, ao baixo número dos que freqüentam a confissão e o peso que tem, nestes estudantes, o medo da exclusão social, ao número dos que se sentem um tanto enjoados com a vida e a sociedade. É decisão da instituição e das pessoas que formam a instituição estarem convencidas que o estudo dessas questões é importante. Está em jogo não somente uma preocupação teológica, mas uma preocupação de educação integral.

A própria enumeração das *causas do nevoeiro* já é significativa. Exigem-se medidas concretas para que o clima seja favorável para levantar vôo... Talvez estejamos diante de pomas de discórdia que nem todos estão dispostos a enfrentar. Julgamos, contudo, que em todos os itens enumerados se escondem questões de base que precisam ser enfrentadas pelos educadores em geral.

A autodefinição existencial que os estudantes dão de si mesmos também é importante que seja considerado. Por um lado, é compreensível que as opiniões sejam dispersas. Casando, no entanto – segundo os dados da última questão –, o medo da exclusão social com a inquietação social e o desacordo com a vida e a sociedade, chegamos a um total de mais de 50,0%. Por outro lado, casando o desejo de gozar a vida, a rebeldia existencial e a resistência à modernidade, temos um total de cerca de 25,0%. Os restantes dizem, simplesmente, que são religiosos (e só) e que apreciam o religioso, gostando do festivo, do estético e do místico. Podemos dizer que, assim como cerca de 46,0% navegam no mundo do dionisíaco e do individual, 38,6% estão dispostos a navegar no apolíneo e no social. A sanidade existencial dos estudantes clama por medidas pedagógicas e educacionais que uma instituição educativa não pode deixar de lado.

Bibliografia

- ALVES, Rubem. A volta do sagrado: Os caminhos da Sociologia da Religião no Brasil. In: *Religião e Sociedade*, nº 3, Rio de Janeiro, 1971.
- BISCHOFBERGER, Otto. *Os jovens seduzidos pela seitas*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- BORAN, Jorge. *Juventude, o grande desafio*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- BEOZZO, José Oscar. *Cristãos na Universidade e na Política*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BRANDÃO, Antônio Carlos. *Movimentos Culturais de Juventude*. São Paulo: Moderna, 1990.
- BRIONES, Javier Navarro. La socialización religiosa de los jóvenes en México. *Revista Joven es*, ano 2, nº 7, p. 46-69, 1998.
- BUCCI, Eugênio. A mídia eletrônica no Brasil e a construção do imaginário. In: *A globalização entre o imaginário e a realidade*, Pesquisas, ano 1998, nº 13, p.143-158. Publicação do Centro de Estudos Konrad Adenauer Stiftung.
- CALIMAN, Cleto (Org.). *A sedução do sagrado: O fenômeno religioso na virada do Milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1975.
- CIOFFI, Mauricio et al. Jovens. Edição especial da revista *Vejja*, nº24, ano 36, agosto de 2003.
- DECANATURA DEL MEDIO UNIVERSITARIO. *Voces y rostros de Jóvenes Javerianos*. Publicação da Pontificia Universidad Javeriana, de Cali, Colômbia, janeiro de 2000.
- DICK, Hilário. O imaginário dos jovens no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Evangraf, 1997, número especial da revista *PJ A CAMINHO* (nº 67, março/abril de 1997).
- ELL, Ernest. *Os jovens interrogam a sociedade*. Caxias do Sul: Paulinas, 1974.
- FRIES, Heinrich. *Dicionário de Teologia – Conceitos Fundamentais da Teologia Atual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1987, 5º volume, verbete “Religião”.
- GONZÁLEZ, Enrique Luengo. Valores y Religión en los Jóvenes. In: ISLAS, José Antonio Perez (coord.). *Jóvenes: Una Evaluación del Conocimiento. La Investigación sobre Juventud en México (1986-1999)* – Tomo I. Publicação do Instituto Mexicano de la Juventud. Coleção Jovenes, nº 5, p. 135-201, 2000.
- GONZÁLEZ-ANLEO, Juan e BLASCO, Pedro González. Religión: Valores, Ritos y Creencias. In: *España 2000, entre el localismo y la globalización*. Universidad de Deusto, España, 2000.
- ISLAS, José Antonio Perez (coord.). *Jóvenes: Una Evaluación del Conocimiento. La Investigación sobre Juventud en México (1986-1999)* – Tomo I. Publicação do Instituto Mexicano de la Juventud. Coleção Jovenes, nº 5, 2000.
- LIBANIO, João Batista. *O Mundo dos Jovens – Reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983.
- MÔNICA, Hector. *A fala dos jovens*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto. *O diabo no imaginário cristão*. São Paulo: Ática, 1986.
- PESAVENTO, Sandra J. (coord.). *500 Anos de América: imaginário e utopia*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1992.
- POSTIC, Marcel. *O imaginário na relação pedagógica*. Rio Tinto: ASA, 1992.
- ROMERO, Emilio. *O inquilino do imaginário*. São Paulo: Lemmos, 1994.
- ROUANET, Sérgio P. *Imaginário e Dominação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. (Coleção Diagrama 9)
- RUIZ, Castor Bartolomé. *Os paradoxos do imaginário*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.
- SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (vol. II). Petrópolis: Vozes, 1995.
- SCHMIDT, João Pedro. *O que pensam os jovens hoje – imaginário social dos estudantes do Vale do Rio Pardo e Taquari*. Santa Cruz do Sul: s/e, 1996.
- SERCOVICH, Armando. *El discurso, el psiquismo y el registro imaginario: Ensayos Semioticos*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1977.
- SIDEKUM, Antonio (org.). *História do imaginário religioso indígena*. São Leopoldo: Unisinos, 1997.

O grupo temático juventude do Instituto Humanitas Unisinos e a rede latino-americana de pesquisadores em juventude

A UNISINOS localiza-se numa *diocese*, isto é, numa região geográfica formada por 23 municípios onde vivem 98.351 adolescentes de 12 a 17 anos, pertencentes a uma população de 1.132.272 habitantes, dos quais 10.736 (na grande maioria jovens de 18 a 29 anos) freqüentam essa Universidade. A região onde se situa a UNISINOS é conhecida como sendo a mais violenta em todo o Estado do Rio Grande do Sul e a mais assolada pela morte de jovens. Mesmo que a Universidade constitua um oásis em meio a essa realidade, ela quer assumir responsabilidades para mudar essa situação, assim como a situação dos jovens em localização mais ampla.

Surgimento

Embora muitas iniciativas nasçam mais do clamor pragmático de quem busca observar a situação, é importante dar-nos conta por que, nesta Universidade e nessa região, surge uma preocupação mais sistemática e mais científica com a realidade juvenil. Ainda mais tomando em consideração certas discussões que são comuns no mundo da academia com relação não só ao *conceito* juventude mas em relação ao *mundo* juvenil. É uma tentação muito real ver nos milhares de pessoas que diariamente movimentam os longos corredores somente *clientes* e não *pessoas* que vivem certa *fase da vida* que chamamos *juventude* e não, simplesmente, *adolescentes*. Pelos dados esta-

tísticos, 90,0% dos alunos/as da Universidade estão na faixa etária dos 17 aos 29 anos. Como relacionar esses dados com a ascensão da violência juvenil nessa região?

É uma realidade que, por mais complexa que seja, merece ser tomada em consideração pela *academia* porque, além das variações, não deixa de ser um retrato da sociedade em que vivemos. É nesse contexto concreto que surge, depois de demoradas considerações institucionais, um *grupo temático juventude* e, junto com ele, um Curso de Pós-Graduação em Juventude. Na articulação do grupo temático *Juventude* do Instituto Humanitas Unisinos com Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, resultou igualmente a inserção, a partir de setembro de 2001, em uma Rede Latino-Americana de Pesquisadores sobre Juventude.

Rápida perspectiva histórica

Olhando um pouco para a história da *preocupação* com a juventude, veremos que nos situamos dentro de um *processo* que desejamos, mesmo que de forma sintética, descrever.

- a) Sabemos que, no início do século XX, o enfoque das análises sobre juventude era o controle da delinqüência. A juventude era um perigo social. As guerras mundiais desse século fizeram que se esquecesse a juventude (porque muitos jovens haviam

- morrido nelas), mas o tema emergiu, novamente, nos anos de 1960. O enfoque oferecido, então, pelas análises, interpretava a juventude como agente de transformação social, revolucionando costumes, hábitos, cultura e política. Ela era criticada, também, por ser irracional e ingênua. Era, para outros, além de delinqüente e revolucionária, massa de manobra.
- b) Na década de 1970, os jovens foram considerados menos significativos, emergindo como novos atores sociais os setores populares e os movimentos coletivos. A juventude se colocava *dentro* deles, não sendo considerada um segmento específico. Recordem-se os debates que se davam, por exemplo, nas Comunidades Eclesiais de Base. A juventude da década de 70 era a juventude remanescente de manifestações como de Woodstock, do movimento hippie e de outros fenômenos semelhantes. Uma questão importante da segunda metade da década de 1980 era a do menor. Foi a época da organização de movimentos nacionais de meninos e meninas de rua, da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, da retomada do movimento estudantil na forma de mobilizações etc. Deram-se ações juvenis em vista da ética na política; na indústria cultural, investia-se na constituição de consumidores mirins e privilegiou-se o segmento infantil da população. Não se pode esquecer também que foi na década de 1980 que surgiu a articulação mais significativa de jovens católicos brasileiros e latino-americanos: os grupos da Igreja Católica que se articulam com a denominação *Pastoral da Juventude*. No Brasil são mais de 39.000.
- c) Na década de 1990, emergiram diversos movimentos culturais, tendo os jovens como atores. Apareceram o *rap*, o *bip-hop*, o *funk*, dava-se especial valor ao corpo etc. Surgiram, também, 1) movimentos valorizando a violência interétnica (grupos neonazistas e os carecas) e a violência entre amigos – galeras (grupos funkeiros); 2) ações juvenis pela paz, entre eles o grupo AfroReggae. O que assusta, nessa época, é o aumento do número de mortes entre os jovens, principalmente dos jovens negros empobrecidos, provocadas por causa externas. A violência cresce assustadoramente, não deixando de refletir-se no mundo juvenil de diferentes manifestações.
- d) Um conceito forjado no final da década de 1980 e nos anos 90 foi o de *protagonismo juvenil*, pretendendo compreender com isso as ações que têm por atores os próprios jovens. Tratava-se, para muitos, de um novo modelo político-pedagógico. O termo se casa, de alguma forma, com *empoderamento*, mas são diversas suas interpretações. Até as Nações Unidas começaram a falar assim, provocando, em 1990, a *Cúpula da Juventude*. Para o Banco Mundial, a juventude tornou-se um *capital social*. Outros falavam da juventude como *reserva ética* das sociedades. Os jovens eram considerados, ao mesmo tempo, como delinqüentes e responsáveis pelo destino do gênero humano [...] Para uma parte das Nações Unidas, a preocupação com os jovens se tornou também uma forma de combate à pobreza e uma preocupação com o combate contra o vírus do HIV. Preocupavam a ONU o analfabetismo, o envolvimento dos jovens com o mercado de trabalho. Em 2001 havia 70 milhões de jovens desempregados [...] O Banco Mundial, a partir daí, investe especialmente no item da *formação de liderança juvenil* e cria duas instituições: a Fundação Internacional da Juventude e a Rede da Ação Jovem. Foi assim que o Fórum Mundial da Juventude de 1998 decidiu apoiar as ações que visassem ao empoderamento da juventude, criando-se a Organização Ibero-Americana da Juventude (1992).
- e) Nessa mentalidade do *protagonismo juvenil* entraram também, para valer, 1) várias instituições pedagógicas não-formais, de caráter religioso. Surgiram, assim, várias estru-

turas de apoio dessa articulação de jovens. É o caso de citar o IPJ (Porto Alegre – 1980); a CAJU (Goiânia -1984); o IPJ Leste II (Belo Horizonte – 1984); o *Aiaká* (Manaus -1988) e outros que junto com instituições latino-americanas semelhantes, formaram a *Red Latinoamericana de Centros y Institutos de Juventud*; 2) o surgimento de outras instituições como a Escola de Formação Quilombo dos Palmares (PE), a Ação Educativa (SP) e a *Rede de Jovens do Nordeste*. Todas essas *estruturas* caracterizam-se pelo apoio a movimentos que busquem o novo, rompendo com o sistema, amadurecendo e criando políticas de juventude em que o jovem seja respeitado em seu protagonismo.

Universidade e juventude

Recordamos esses rápidos dados para compreendermos melhor o surgimento, em 1998, de um convênio de um destes Centros de Formação de Juventude (apoiado pela Rede à qual pertencia) com uma Universidade, fazendo nascer um Curso de Pós-Graduação sobre Juventude. O *Curso* tornou-se, contudo, apenas um pretexto para que a questão juvenil entrasse no mundo da academia para ser estudada e pesquisada de forma diferenciada.

Ao mesmo tempo, na América Latina, foram aparecendo iniciativas semelhantes. Não tanto a partir de iniciativas governamentais (com interesses diferenciados) mas a partir de agentes envolvidos com práticas sociais de libertação e de *empoderamento juvenil*. Surge, assim, por exemplo, em Santiago do Chile, numa Universidade, o *Centro de Estudios de la Juventud*; na Europa, uma iniciativa que foi ao encontro da realidade juvenil chama-se *Encuesta Europea de Valores* bem como outros grupos de pesquisadores ligados à Universidade de Louvain. Não podemos esquecer, igualmente, outras iniciativas como a pesquisa subvencionada pela Shell, a partir da Alemanha, e os trabalhos de pesquisa financiados pela USAID (Estados

Unidos). Uma grande preocupação, principalmente do mundo europeu, é a questão dos valores no mundo juvenil.

Estamos chegando, assim, ao surgimento da constituição de uma Rede Latino-Americana de Pesquisadores sobre Juventude surgida em 2001, em Santiago do Chile. Como diz a ata da fundação desta Rede, “*la Red Latinoamericana de Investigadores en Juventud tiene como origen el Seminario Internacional sobre Juventud organizado por el Centro de Estudios en Juventud (CEJU) de la Universidad Católica Cardenal Raúl Silva Henríquez (UCSH) realizado en Septiembre de 2001 en Santiago de Chile. Dicho Seminario tuvo como objetivo realizar un diagnóstico sobre la realidad juvenil de América Latina y proponer la elaboración conjunta de un Proyecto de Investigación a la cooperación interuniversitaria belga*”.

Vai nascendo a Rede

A mesma ata (citada acima) faz constar, ainda, que “en el Seminario participaron investigadores de 7 países. Los acuerdos tomados por el grupo participante fueron a) presentar un Proyecto conjunto a la cooperación interuniversitaria belga (Proyecto PIP), b) definir áreas de trabajo conjunta y c) realizar un segundo Seminario Internacional en el año 2003. En el Seminario realizado entre el 16 y el 18 de Octubre de 2002 en la Universidad UNISINOS se acordó formalizar la constitución de la RED LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES EN JUVENTUD *definida como una red de trabajo que reúne a investigadores en juventud y que tiene como objetivo producir conocimientos sobre la temática juvenil y desarrollar actividades en ese campo de trabajo. Específicamente se trata de conocer la forma de expresión de los valores juveniles en las áreas de educación, trabajo, género, sexualidad, política, cultura y religión*.

Os objetivos desta Rede, seu cronograma e seu funcionamento:

Os objetivos que a *Rede Latino-Americana de Pesquisadores sobre Juventude* definiu, são:

- a) Producir y difundir conocimientos en temáticas de juventud a nivel académico, gubernamental y no gubernamental;
- b) Promover y favorecer el intercambio de investigadores, docentes, estudiantes, metodologías, bibliografía y material pedagógico relacionado con temáticas de juventud;
- c) Fortalecer los vínculos institucionales entre las entidades de la red y fuera de ella;
- d) Contribuir a la formulación de políticas públicas de juventud en América Latina;
- e) Desarrollar procesos de capacitación y formación en materia de juventud.

No Seminário realizado na UNISINOS, em outubro de 2002, a Rede chegou a formular um cronograma de trabalho. Nesse cronograma, destacam-se o Projeto de Pesquisa sobre a mudança de valores no mundo juvenil da periferia urbana, o intercâmbio acadêmico e um possível diploma de Mestrado em Juventude. Esse cronograma sofreu modificações no encontro de julho de 2003.

Para alguém ser membro dessa Rede, definiram-se os seguintes critérios: a) *Pertenecer a Instituciones que trabajan en temáticas de juventud*; b) *Que sean Investigadores, Docentes y/o Profesionales con respaldo institucional*; c) *Que expliciten el compromiso personal e institucional por escrito*.

Para ser Coordenador da Rede, devem cumprir-se os seguintes requisitos:

- *Ser un investigador (a) con trayectoria en temáticas de juventud*
- *Tener respaldo institucional*
- *Manifestar interés y motivación explícito para hacer avanzar la Red.*

O Coordenador terá as seguintes funções:

- *Mantener contacto permanente con cada entidad de la Red ;*
- *Dar seguimiento a las actividades de la Red;*
- *Proponer Programa de trabajo;*
- *Representar a la Red frente a otras entidades;*
- *Informar del avance de las acciones realizadas.*

A articulação por meio de uma pesquisa

Um dos objetivos concretos dessa Rede, como já se disse, é uma pesquisa sobre a mudança de valores no mundo juvenil, especialmente da periferia urbana. É o que está em jogo, neste momento. Apesar de ser uma pesquisa com objetivos comuns, a realização dela vai respeitar as diferentes realidades. As realidades a serem analisadas situam-se em São Leopoldo (Brasil), Montevideo (Uruguai), Buenos Aires (Argentina), Assunção (Paraguai), Santiago (Chile), Manágua (Nicarágua) e La Paz (Bolívia). Na UNISINOS elaborou-se um projeto de pesquisa dentro dessas perspectivas, não esquecendo um seguido intercâmbio com os outros pesquisadores da Rede, visando-se a alcançar um diagnóstico desse segmento da realidade juvenil. Visa-se, até, a geração de um *Observatório da Juventude* reunindo documentação e bases de dados sobre o tema juvenil.

Já existe um modelo de questionário comum, mas a Rede precisa esclarecer, ainda, pormenores que ficarão mais evidentes a partir de um diagnóstico que todos estão realizando em diversas cidades latino-americanas. É o que foi decidido na reunião realizada pela Rede nos dias 14 a 15 de julho de 2003, na UNISINOS.

Braço dessa Rede

Um braço dessa *Rede Latino-Americana de Pesquisadores sobre Juventude* está, portanto, nessa Universidade, tanto por meio do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas como do Grupo Temático Juventude do Instituto Humanitas Unisinos. Esse Grupo Temático tem caráter interdisciplinar e de articulação, tendo como objetivos:

- a aquisição, para a Universidade, de material bibliográfico sobre a questão juvenil;
- a montagem progressiva de um banco de dados sobre a questão juvenil, mapeando e

disponibilizando dissertações, monografias de especialização e pesquisas sobre o tema via UNISINOS, incorporando novas tecnologias;

- a efetivação de pesquisas sobre aspectos concretos da juventude dentro e fora da Universidade;
- a realização de eventos locais, regionais, nacionais, internacionais que estudem a questão
- juvenil, envolvendo o corpo discente e docente da Universidade bem como os educadores em geral;
- a montagem de Cursos, Seminários e outros eventos de formação.

No campo do *ensino*, é esse *Grupo Temático* que coordena, desde 1999, o Curso de Pós-Graduação: Especialização em Juventude Contemporânea e que promove eventos de reflexão sobre juventude.

No campo da *pesquisa*, além da pesquisa citada, estão sendo levadas em frente duas outras: a) “Juventude, família e gênero: estudo das narrativas de gênero entre jovens das camadas populares”; b) “O imaginário religioso do estudante da UNISINOS”. Nessa pesquisa foram aplicados, na Universidade, em quatro semestres seguidos, 2.573 questionários. Uma quarta pesquisa, realizada pelo Grupo Temático refere-se a um estudo dos jovens construindo juventude na história, uma obra que está para ser publicada pela editora Loyola.

No campo da *extensão*, o *Grupo Temático* realiza diferentes práticas sociais. A mais importante

está no acompanhamento aos jovens e assessores da Pastoral da Juventude do Brasil em nível local, nacional e latino-americano. Destaca-se nisso a parceria que se mantém, de forma especial, com o Instituto de Pastoral de Juventude, de Porto Alegre em suas diversas frentes de cursos, assessorias, edição de uma revista especializada e debate de perspectivas dessa obra. Mas há, também, outras atividades como o encontro de pesquisadores (professores e alunos) em nível local e o intercâmbio com jovens de outras nacionalidades e outras.

Conclusão

Essa é, em breves palavras, a Rede Latino-Americana de Pesquisadores em Juventude. Sabemos que, no setor, existem muitas iniciativas seja como *associações*, seja como ONGs, seja como iniciativas mais particularizadas. Sonhamos mergulhar, como Academia e como educadores, na realidade juvenil. Não só para contemplá-la mas, na medida do possível, intervir nela. Esta Rede não quer ficar no plano de *cadeiras esquentadas*; quer crescer, respaldar-se e estar atento nas discussões e práticas que se relacionam com os jovens. A Rede Latino-Americana de Pesquisadores em Juventude é constituída por profissionais que trabalham com jovens de forma distinta, abrangendo diferentes ciências.

Prof. Hilário Dick
setembro de 2003